



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
LICENCIATURA EM DANÇA

JERONIMO DO NASCIMENTO SILVA

MÉTODOS “DIDÁTICOCRIATIVOS” NO ENSINO DA ARTE/DANÇA

MACEIÓ-AL

2024

JERONIMO DO NASCIMENTO SILVA

MÉTODOS “DIDÁTICOCRIATIVOS” NO ENSINO DA ARTE/DANÇA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Dança, como requisito para obtenção do
título de Licenciado em Dança pela
Universidade Federal de Alagoas.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Noemi Mello
Loureiro Lima

Maceió – AL

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Setorial do Espaço Cultural
Bibliotecário Responsável: Valdir Batista Pinto CRB - 4 - 1588

S586m Silva, Jeronimo do Nascimento.
Métodos "didaticocriativos" no ensino da arte/dança.
Jerônimo do Nascimento Silva. – 2024.
57 f.:il.

Orientador: Noemi Mello Loureiro Lima
Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em
Dança – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de
Ciências Humanas Comunicação e Artes. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 56-57

1. Dança. 2. Didática. 3. Pedagogia da dança. I. Título.

CDU: 793

AGRADECIMENTOS

Aqui deixo meu amor, e minhas sinceras palavras de gratidão para aqueles que nunca me deixaram andar só. Em toda jornada, trajeto e caminho tive anjos que me estenderam as mãos e me possibilitaram voar.

Aos meus pais, seu João Genésio e Maria do Socorro, meus primeiros anjos da guarda, dedico essa conquista, e expresso meu total amor.

Aos meus familiares, em especial meus sobrinhos, Anna Júlia e João Lucas, minha gratidão por sempre despertarem o melhor em mim.

Ao de curso de Dança da Universidade Federal de Alagoas, em especial a Profa. Dra. Noemi Loureiro, que se tornou minha mãe acadêmica ao longo do caminho, e a Profa. Dra. Kamilla Mesquita, que mesmo com todos os desafios topava minhas loucuras. E aos meus amigos que fiz pela jornada, em especial Vitória Safi e Kaique Leonardo.

Ao curso de Teatro da Universidade Federal de Alagoas que foi minha segunda casa, em especial o Prof. Anderson Diego Almeida e a turma 2021.1 que me acolheram tão bem, especialmente Julia Pereira, Allan Covausky e Cled Alzi.

Ao curso técnico de Dança da Escola Técnica de Artes da Universidade Federal de Alagoas, em especial a turma 2022.1 e a Profa. Dra. Ana Clara Oliveira por tantas partilhas afetuosas em dança.

Ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas e as turma 2022.1 dos turnos matutino e noturno que me receberam de uma forma tão carinhosa e amorosamente nas disciplinas pedagógicas, em especial minhas amigas Ana Claudia, Andreia Firmino, Letícia Galdino e Caline Carvalho, e as docentes: Profa. Dra. Sandra Regina Paz, Profa. Dra. Jeane Felix e Profa. Dra. Monica Sales.

Aos meus amigos, pessoas de longa data, que sempre entenderam minhas ausências, meus desesperos e minhas angustias. Em especial a Verlayne Vel, Danielle Lima, Victória Mayara, Ingrid Alves, Jaciane Celestino, Suzana Oliveira, Welma Barboza, Laysa Victória, Dayse Joana, Dayane Gomes e Daniel Cicero.

Aos meus estudantes, que sempre me dão energias e forças para ser o melhor professor que eles podem ter.

Aos meus supervisores de estágio supervisionado o Prof. Genivaldo Júnior, Profa. Lidiane Silva, Profa. Elita Cândido e Profa. Salete Oliveira, que me ensinaram tanto ao longo dos períodos.

Ao Coco de Roda Los Coquitos por ter sido minha fonte de pesquisa e prática artística durante minha residência artística entre os anos de 2022 e 2023, e ao meu amigo, o coreógrafo Italo Azuos.

Aos objetos de pesquisa do meu Trabalho de Conclusão de Curso, que se disponibilizaram a contribuir com esse encerramento do ciclo.

E por fim, todos aqueles que eu possa ter esquecido, que diretamente ou indiretamente contribuíram com minha formação, minha eterna gratidão.

“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.”

Paulo Freire

RESUMO

A referida pesquisa é um estudo das formas didáticas criativas – também chamado de “didáticocriativo” – de ensino usadas por arte-educadores da Rede Estadual de Ensino para atuação da polivalência no ensino de Artes, entendendo a criatividade como o conhecimento que cada professor tem, e usa para o ensino polivalente. Tendo por maior premissa a reflexão sobre os métodos “didáticocriativos” e as interfaces presentes na arte-educação e suas possíveis Pedagogias em Artes, no Arte-educador, e nas suas práticas artística-pedagógicas-metodológica. Sob essa ótica, consideramos que o ensino de Arte é algo importante, integrativo e indispensável a formação do ser humano, que é apresentado na pesquisa durante o desenvolvimento das temáticas e das aulas ministradas pelos professores. Com embasamento teórico nas Pedagogias que dançam de Baldi (2023) em diálogo com as interfaces do artista docente de Marques (2012) e Strazzacappa (2012).

Palavras-chave: Pedagogias da Dança; Arte-educação; Didáticocriativo; Arte-educador; Métodos.

ABSTRACT

This research is a study of the creative didactic forms – also called "creative didactic" – of teaching used by art-educators of the State Education Network to act polyvalence in the teaching of Arts, understanding creativity as the knowledge that each teacher has, and uses for polyvalent teaching. Having as its main premise the reflection on the "didactic-creative" methods and the interfaces present in art-education and its possible Pedagogies in Arts, in the Art-educator, and in its artistic-pedagogical-methodological practices. From this perspective, we consider that the teaching of Art is something important, integrative and indispensable to the formation of the human being, which is presented in the research during the development of the themes and classes taught by the teachers. With a theoretical basis in Baldi's (2023) Pedagogies that dance in dialogue with the interfaces of the teaching artist of Marques (2012) and Strazzacappa (2012).

Keywords: Dance Pedagogies; Art education; Didacticcreative; Art educator; Methods.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – A primeira missão de Pedro Américo.....	19
FIGURA 2 – Estudantes do Professor Kleper Reis em exercício conjunto de respiração e percepção do espaço.....	43
FIGURA 3 – Professor Kleper Reis ministrando aula prática.....	44
FIGURA 4 – Fotografia do livro didático da professora Joelma.....	46
FIGURA 5 – Obra de arte do estudante da professora Joelma Ferreira.....	47
FIGURA 6 – Professora Salete Oliveira ministrando aula.....	49
FIGURA 7 – Estudante da professora Salete Oliveira encenando no pátio da escola.....	50
FIGURA 8 – Professor Maciel Ferreira em sala de aula.....	51
FIGURA 9 – Obra de arte da estudante Maria Yasmin, estudante do professor Maciel Ferreira.....	52

LISTA DE SIGLA

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDBEN ou LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
SEDUC/AL	Secretaria da Educação de Alagoas
RECAL	Referencial Curricular de Alagoas
PPGAC	Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas
UFSJ	Universidade Federal de São João del-Rei
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
PPGAS	Programa de Pós-graduação em Antropologia Social
PPGCULT	Programa de Pós-graduação em Cultura Popular
UFS	Universidade Federal de Sergipe

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: organograma dos objetos de pesquisas.....	42-43
---	-------

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. O COMEÇO DO CAMINHO.....	16
2.1 – ONDE COMEÇA?	18
2.2 – O QUE É O ARTE-EDUCADOR?	20
2.3 – A ARTE DE ENSINAR SOBRE ARTE.....	22
2.4 – ONDE ESTÁ A ARTE DA DANÇA?	24
3. – INTERFACES DO ARTISTA DOCENTE.....	28
3.1 – PEDAGOGIAS DA ARTE QUE DANÇA.....	29
3.2 – RECONHECIMENTO ARTÍSTICO.....	34
3.3 – ENALTECIMENTO DOCENTE.....	36
3.4 – INTEGRATIVA, IMPORTANTE E INDESPENSÁVEL.....	37
4. MÉTODO “DIDÁTICOCRIATIVO”	39
4.1 – QUEM SÃO?.....	40
4.2 – O CONHECIMENTO.....	42
4.3 – LUGARES SENSÍVEIS.....	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
6. REFERÊNCIAS.....	57
7. ANEXOS.....	60

1. INTRODUÇÃO

Com o tema relacionado a arte-educação em Alagoas, o referido trabalho tem o recorte para aos métodos didático usados pelos professores de Artes para ministrarem aulas no ensino básico, que foram escolhidos através do conhecimento obtido dentro de atividades da universidade como: Estágio Supervisionado, Estágio Docente, Monitoria Docente, Apresentação Artística e até serem egressos do curso de Dança da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Sendo feito o recorte para a apreciação no trabalho desenvolvido por quatro professores da Rede Estadual de Ensino, que atuam nos anos finais do ensino fundamental nas escolas do município de Maceió.

Apresentando como problemática relacionada quais eram as/os formas/meios usados pelos arte-educadores com o uso da polivalência, e qual era o traço criativo que eles usavam para ministrarem conteúdos que não são do seu campo específico de formação. Assim, produzindo um catálogo sobre tais metodologias “didáticocriativas”¹ observadas durante a pesquisa.

Os caminhos desse trabalho foram construídos e alinhados através de três capítulos aonde foi abordada a história da arte-educação apresentada nos escritos de Ferraz e Cavalcanti (2018; 2007) com acréscimos das normativas apresentadas nos documentos do Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN e da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 1998; 2017), em diálogo com o que traz o Referencial Curricular de Alagoas - RECAL (2019).

Sendo também construído os entrelaces com as propostas de Pedagogias possíveis em Dança de Baldi (2023), com os pensamentos de uma educação crítica e libertária de Freire (1987; 1996) e as formas didáticas de Libâneo (2015) que levam a dialogar com Porpino (2006;2012), Strazzacappa (2006; 2012) e Marques (2012) em pensar a dança dentro do ensino básico, e o currículo que dialogue com a sociedade e as linguagens de artes e o fazer do artista docente.

Com o propósito de refletir sobre os métodos “didáticocriativos” de ensinar Artes e a maneira criativa de esquivar-se das dificuldades impostas pela polivalência do ensino

¹ Termo retirado da disciplina de “Compartilhando Experiências Didáticocriativas – PRAC 7” existente no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de 2019 do curso de Licenciatura em Dança da UFAL.

de Artes, a pesquisa discorreu com o uso do conceito/metodologia de pesquisa da observação-participante (Fravet-Saada, 2005).

Com o intuito de catalogação de possíveis Pedagogias em Artes a pesquisa não é levada para o lado da comparação entre as metodologias, mas, sim de vê-las como potências no campo educacional e de evidenciá-las dentro da academia como propostas pujantes ao meio científico-acadêmico, assim, como os arte educadores: Joelma Ferreira, Kleper Reis, Maciel Ferreira e Salete Oliveira.

Em razão de tais apontamentos, a escolha da temática se deu por vias da denotação de trabalhos feitos por arte-educadores que atuam no Ensino Básico da Rede Pública Estadual de ensino em Maceió. Considerando a importância do ensino de Artes e o fazer do artista que é professor e do professor que é artista, assim, denotando as inúmeras interfaces da arte-educação e da sua importância para o sistema educacional.

2. O COMEÇO DO CAMINHO

A caminhada tem início com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e como ele constrói a linha histórica do ensino de Artes no Brasil. Analisando e refletindo sobre ainda existirem vestígios latentes na educação e na construção do pensamento sobre ensinar arte.

Discorrendo sobre a dificuldade de consolidação da área de artes no currículo escolar, e de como era visto o ensino de artes em meados da década de 70 com o pensamento sobre a inclusão da Educação Artística que segundo Libâneo (2015) é um importante entrelace entre cultura e sociedade para os estudantes. No currículo, e de como a área artística é pensada dentro da educação. Vejamos o que fala o PCN:

Em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada “atividade educativa” e não disciplina, tratando de maneira indefinida o conhecimento. (Brasil, 1998, pg. 26)

Tomando forma e avançando com o tempo, passou a ser obrigatório o ensino de Artes nas escolas. Marcado por avanços, mas não somente por eles, a autora Martins acrescenta que:

O percurso do ensino de Arte é caracterizado por avanços, recuos e incertezas, sempre ligado ao contexto histórico, cultural, político e econômico, desde a sua institucionalização com a Missão Francesa, identificada pelo predomínio da concepção de arte europeia, que foi utilizada pelos religiosos para desenvolver o trabalho pedagógico/missionário em suas colônias (Martins, 2022, pg. 1)

Situando Artes no currículo como uma ciência capaz de aprimorar habilidades dos alunos o que era uma atividade extracurricular de Educação Artística passa a se chamar arte-educação, como veremos sob o olhar de Ferraz:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica (LDBEN, 1996) tornou seu ensino obrigatório em toda a educação básica no Brasil, mas o grande desafio é garantir que isto se faça de maneira a aprimorar a formação artística e estética dos estudantes (Ferraz, 2018, pg. 19):

Com a inclusão da Educação Artística como ação educativa deu margem para pensar na importância do ensino de Artes e de como ele é válido e necessário dentro do currículo escolar. No entanto, a integralização das linguagens de artes é um caminho complexo, já que os educadores são formados em uma linguagem específica de artes o que gerou grande impacto no ensino. Sobre isto, o PCN discorre:

Entre os anos 70 e 80 os antigos professores de Artes Plásticas, Desenho, Música, Artes Industriais, Artes Cênicas e os recém-formados em Educação Artística viram-se responsabilizados por educar os alunos (em escolas de ensino fundamental) em todas as linguagens artísticas, configurando-se a formação do professor polivalente em arte. Com isso, inúmeros professores tentaram assimilar e integrar as várias modalidades artísticas, na ilusão de que as dominariam em seu conjunto. Essa tendência implicou a diminuição qualitativa dos saberes referentes às especificidades de cada uma das formas de arte e, no lugar destas, desenvolveu-se a crença de que o ensino das linguagens artísticas poderia ser reduzido a propostas de atividades variadas que combinassem Artes Plásticas, Música, Teatro e Dança, sem aprofundamento dos saberes referentes a cada uma delas. (Brasil, 1998, pg. 27)

A construção do caminho na educação básica brasileira que deveria ser de evolução, progresso e desenvolvimento sofre um retardo/regresso na educação. Retardo esse compreendido como várias ações tomadas pelos responsáveis por pensar o currículo da educação. Ações como a de polivalência no campo que conhecemos hoje como arte-educação. Deixando lacunas evidentes na formação sobre artes, pois cada uma das linguagens artísticas tem suas especificidades e suas áreas de atuação específica na educação, pois “com a polivalência as linguagens artísticas deixaram de atender às suas especificidades, constituindo-se em fragmentos de programas curriculares ou compondo uma outra área” (Brasil, 1998, pg. 27).

Atravessando inúmeros problemas o ensino de artes no país ainda está muito atrasado. No entanto, a Dança, enquanto uma das linguagens das artes, com todo seu campo vasto de conhecimento e ensino sofreu um dos maiores impactos negativo na História da Educação Artística brasileira. Segundo o PCN:

É de notar o que vem ocorrendo com a Dança. Embora em muitos países ela já faça parte do currículo escolar obrigatório há pelo menos dez anos, no Brasil, a sua presença oficial (curricular) nas escolas, na maioria dos Estados, apresenta-se como parte dos conteúdos de Educação Física (prioritariamente) e/ou de Educação Artística (quase sempre sob o título de Artes Cênicas, juntamente com Teatro). No entanto, a Dança é ainda predominantemente conteúdo extracurricular, estabelecendo-se de formas diversas: grupos de dança, festivais, campeonatos, centros comunitários de arte. (Brasil, 1998, pg. 27)

É notório que a arte-educação no Brasil não teve um caminho fácil, mas, tornou-se ponto de resistência e de luta em variados espaços, principalmente no ensino básico. Apesar de ainda não ser valorizada e discorrer-se ainda hoje em diálogos sobre a sua existência. Sobre este ponto, Barros nos fala:

Nos últimos dez anos em que me dediquei aos estudos e pesquisas acerca da História da Arte/Educação no Brasil, enveredando pelos conceitos de arte como expressão, cultura, comunicação e cognição, me convenci completamente de que nossa existência hoje é marcada pela tenebrosa sensação de sobrevivência (Barros, 2016, pg. 477)

Havendo, construções de pensamentos que tem a arte na educação infantil, tida como “bobagem”, pois a sociedade capitalista valoriza produtos, e para a criança o processo é o mais interessante, pois a gama de conhecimentos que ela tem nessa única experiência se torna o impulso de novos conhecimentos e descobertas para ela (Gallahue, D. L.; Ozmun, J. C.; Goodway, 2013).

Pensamentos como esses de ver o ensino de Artes como uma “coisa banal”, é uma herança que ainda enfrentamos atualmente. Entretanto, estamos quebrando a barreira com o avanço das pesquisas sobre ludicidade na educação. O que não é deveras ruim, mas, preocupante, já que o campo da arte-educação não está indo na mesma crescente que a ludicidade no campo da educação. Embora, na atualidade, arte-educadores capacitados estão dando significado e sentido a arte na vida de crianças e jovens.

2.1 – ONDE COMEÇA?

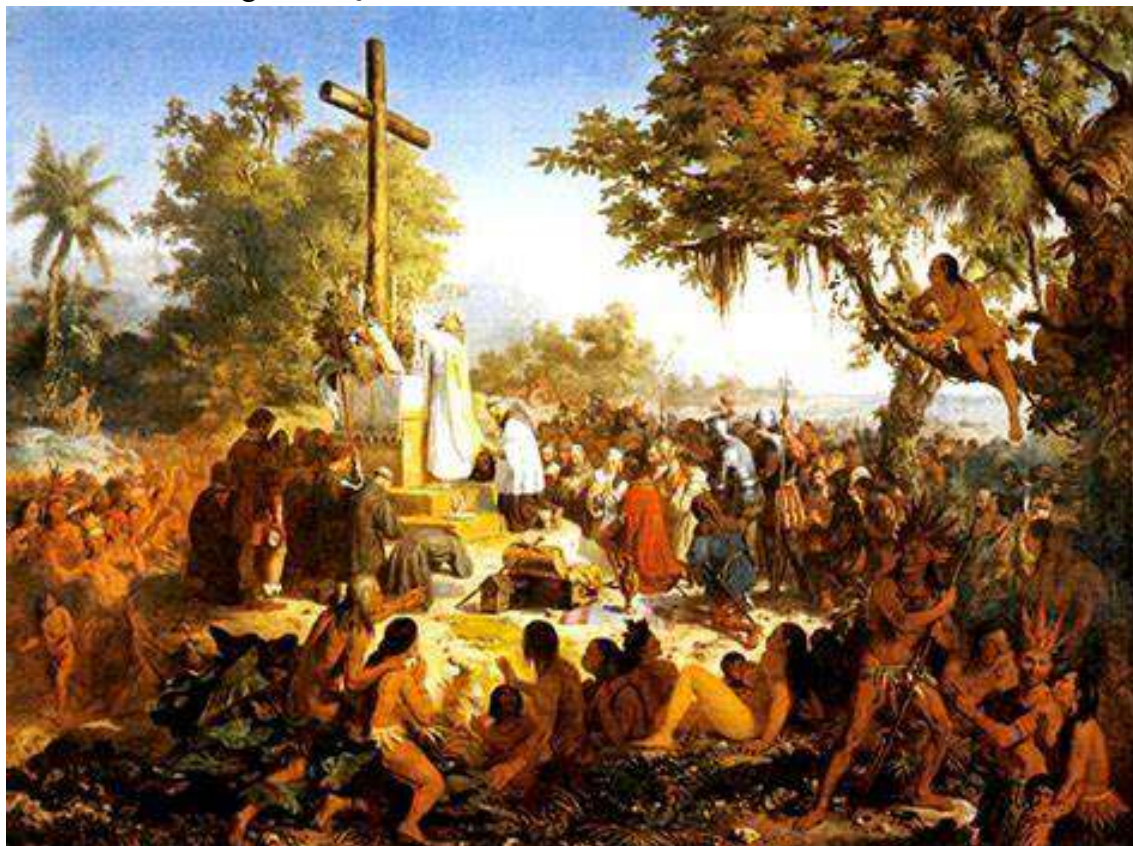
Começaremos pelo traço histórico que é contado nos livros literários do ensino básico, a partir da chegada dos jesuítas no Brasil. Os padres jesuítas trouxeram com eles não somente a forma de ensinar/educar, mas, traços e formas artísticas desde a sua chegada. A autora Cavalcanti (2007, p. 82) fala que “Nos primeiros momentos da história de Alagoas, eram os jesuítas que ‘formavam’ e instruíam aquela geração para que fosse subordinada aos portugueses e a outros ‘coronéis’ dos tempos pós-descobrimento.”

Pois, a partir da leitura de uma pintura pode ter impressões que corroboram com o acima citado. Visualizamos que na figura 1, existem símbolos ligados às artes da cena no contexto performático da obra. Havendo a cruz como um elemento cenográfico, os padres na realização ritualística da religião podem ser lidos como atores e os indígenas a plateia. Assim, formando o sentido literal da palavra teatro². Além, de também, ser uma forma de ver a arte como meio de ensino, já que podemos aqui dizer, que, a encenação

² Embora seja um significado que não atenda uma demanda de acessibilidade atual, usamos o sentido do significado literal do que significa o teatro, que é aquilo que se vê.

dos padres era com o intuito de ensinar os povos indígenas que aqui habitavam a seguirem a religião trazida de Portugal.

Figura 1: Quadro A Primeira Missa no Brasil de Pedro Américo



Fonte: retirado da internet

É de tamanha importância entender que a arte sempre foi usada como forma de ensino em diferentes períodos históricos da humanidade, no entanto, é de extremo regresso perceber que atualmente existem pessoas que não valorizam a arte. dentro do ambiente escolar, sendo a arte uma das maiores responsáveis no tramite interdisciplinar dentro do meio educacional. Tais afirmações dialogam com o pensamento de:

Mesmo sendo ela figura constante e obrigatória dentro do currículo, ainda carrega resquícios de sua historicidade, sendo relegada dentro da estrutura curricular, permanecendo aos olhos de muitos como uma disciplina desprestigiada. Essa desvalorização se configurou não como uma ação nova, mas por um processo construído historicamente, marcada por um Brasil escravocrata, explorador e colonizado (Benites, 2021, p. 37)

Notamos atualmente na educação resquícios de como fomos construídos nos aspectos sociais desde que o país tem a notação de descoberta através da história

tradicional. Diante disso, criamos uma linha temporal para dimensionar quem educou-nos no passado e quem está nos educandos no presente.

Citando-nos como uma pátria, é importante lembrar que fomos constituídos por variadas etnias e guerras. Temos marcos históricos de muitos conflitos, em particular a ditadura militar na década de 70 no Brasil, que estava no seu apogeu. Nesse marco específico da ditadura, há mais ou menos 40 anos atrás, deixou marcas na educação de hoje, por exemplo, o jeito que as cadeiras ficam enfileiradas, as salas de aulas de algumas universidades que tem parte de vidros nas portas, onde os professores eram vigiados por conta da censura. Alinhando os traços do passado, onde a maioria dos educadores do país entre os anos de 2018 e 2022 sofriam com o medo da possibilidade da volta da ditadura militar no Brasil. Assim, acontecendo mais um marco histórico temporal no país, onde a população tinha acesso facilitado ao porte de armas, e esquecia da educação e da arte, o que resultou em algumas catástrofes em escolas³. Podendo ser considerado um marco temporal na história da educação, pois é fruto de uma barbárie, de acordo com (Benjamin, 2020).

2.2 – O QUE É O ARTE-EDUCADOR?

O arte-educador é o professor capacitado para lecionar a disciplina de Artes no ensino básico diferente do período da década de 70 que era incluída como recreação. O professor de Artes é capaz de observar, perceber e entender o conhecimento que os estudantes tem sobre o que é a arte, e partir disso desenvolver metodologias e didáticas de ensino para aplicação do conhecimento específico em Artes. O PCNs traz que o professor é:

O professor na sala de aula é primeiramente um observador de questões como: o que os alunos querem aprender, quais as suas solicitações, que materiais escolhem preferencialmente, que conhecimento têm de arte, que diferenças de níveis expressivos existem, quais os mais e os menos interessados, os que gostam de trabalhar sozinhos e em grupo, e assim por diante. A partir da observação constante e sistemática desse conjunto de 99 variáveis e tendências de uma classe, o professor pode tornar-se um criador de situações de aprendizagem. A prática de aula é resultante da combinação de vários papéis que o professor pode desempenhar antes, durante e depois de cada aula. (Brasil, 1998, pg. 98-99)

³ Existem reportagens e estudos sobre o referido caso citado no texto.

Atualmente, compreende-se como arte-educador pessoas que possuam licenciatura plena em uma das quatro linguagens de artes (dança, teatro, música e artes visuais) (Brasil, 1998). Usando a Arte como o principal meio de ensino, o arte-educador usa de metodologias e didáticas ligadas ao meio artísticos para formação dos alunos no meio social. Utilizando a arte como maior aliada para inserção deles no desenvolvimento do pensamento crítico, da apreciação e da criatividade. Segundo Ferraz:

Assim, se pretendemos contribuir para a formação de cidadãos conhecedores da área de conhecimento arte e para a melhoria da qualidade da educação escolar artística e estética, é preciso que organizemos nossas propostas de tal modo que a arte se mostre significativa na vida das crianças e jovens. (Ferraz, 2018, pg. 18)

A arte não é um artifício usado somente pelos professores de Artes, mas, também por professores de outras disciplinas. Assim como, também usam e apropriam-se de recursos como Abordagem Triangular, conceito desenvolvido por pela autora Ana Mae Barbosa (2008). Corroboramos com Barros:

Há significativas apropriações da Abordagem Triangular por educadores de outras áreas de conhecimento/disciplinas, pois como esta não se baseia em conteúdos, mas em ações, mentalmente e sensorialmente básicas, é facilmente apropriada a diversos conteúdos. Seguramente, a Abordagem Triangular corresponde aos modos como se aprende, não é um modelo, um guia, para o que se aprende. (Barros, 2016, pg. 479)

Embora ela seja uma metodologia de ensino que outros professores usam para darem conteúdos de suas respectivas áreas, o arte-educador vai trabalhar para além da criatividade do estudante, ele vai desenvolver capacidades de percepção deste em relação a sociedade ao qual ele vive, e dele em relação ao mundo através da cultura. Sendo muito importante trazer a cultura como um lugar de pertencimento, e a arte como um artifício que leva o aluno além desse lugar do pertencer (Didi-Huberman, 2012). A arte como um meio de utilizar a cultura para ir além dos limites estéticos culturais e para a permeação da criatividade de novas criações artísticas, seja na dança, música, pintura, etc.

Assim, visualizamos o quão utilizada a arte é no ambiente escolar, entretanto, ainda não é totalmente valorizada, pois o currículo escolar atualmente disponibiliza apenas uma aula semanal de artes ao qual o professor que é formado em uma das quatro áreas tem que ministrar os conteúdos de outras três linguagens as quais ele não foi capacitado.

O que indubitavelmente põe em tensão a sua permanência dentro da esfera escolar, sendo um dos profissionais com o menor tempo para suas aulas em uma disciplina que gira em torno do universo teórico-prático e ainda demanda tempo para trabalho e pesquisa.

2.3 – A ARTE DE ENSINAR SOBRE ARTE

Refletir sobre a importância da função do professor na sociedade é algo relativamente urgente na sociedade atual. Independente de qual seja sua área em específico, o professor ainda não é tão valorizado pelo seu trabalho, pois trabalha muito e não recebe um salário proporcional às funções do trabalho. Além de atualmente está lidando com ataques vindo dos alunos, que podem chegar até em casos de agressão física. Situações como essa mostram o quão fragilizado está o papel do professor, e o quão sem base educacional vindo do berço familiar os estudantes estão indo para o ambiente escolar. Resultando em “Um lado, diante da resistência dos estudantes quanto à disciplina e à repetição; de outro, diante da fragilidade do papel do professor na atualidade” (Strazzacappa, 2012, pg. 29).

Alinhando isso às linhas de valorização na sociedade em que vivemos em que o professor e o artista, separadamente não são valorizados, sendo o arte-educador um dos maiores resultados de resiliência existente no mundo da educação atualmente. Pois indiretamente ele é o alvo de duas profissões que sofrem a desvalorização atualmente no país. Onde há um pensamento estrutural que pensa o artista e as políticas públicas para a sua atuação no mercado de trabalho, sem favorecimento para que o artista possa viver da sua arte.

No entanto, a Arte é uma disciplina importante dentro da matriz curricular do ensino básico, além de todas as atribuições que os PCNs apontam, a Arte é o elo entre a subjetividade e o concreto dos alunos e um dos meios possíveis de integração dele com outras disciplinas.

O que faz a diferença já que o arte-educador tem variados caminhos para seguir, assim como a arte tem muitas façanhas, o artista contém com ele esses caminhos, caminhos que levam o aluno ao lugar da criação e não somente da reprodução. O professor de artes não é aplicador de técnicas específicas, ele é mediador do conhecimento e facilitador de meios de criação. Sob o olhar de Freire:

Desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem forrar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. (Freire, 1996, pg. 12)

Assim, deixamos o pensamento convencional de planejar a educação sendo o aluno um ser que não tem nenhum conhecimento. Entendemos que a experiência é uma forma de conhecimento e que ela pode ser aplicada de diferentes formas na arte, sendo um desapego as formas convencionais de pensar o ensino-aprendizagem. Concordamos com o pensamento de Rocha:

Importante frisar, é o descondicionamento e a desconstrução dos modos de aprender, ou seja, dos modos através dos quais aprendemos a aprender. É precisamente aí onde inocula-se o que poderíamos chamar de pedagogia da sujeição. (Rocha, 2012, pg. 41)

O professor de artes não é o detentor de todo o conhecimento e técnica, ele é um facilitador do aprendizado em artes para aquele aluno que vem com variadas informações culturais e do dia-a-dia com sua família e comunidade, e, assim, deixamos a ideia de que o aluno chega vazio e sem nada. Ele não chega na escola somente para receber conhecimento, mas, também para lapidar e filtrar todas as suas experiências, corroborando com o pensamento de Freire:

De uma pedagogia problematizante e não de uma “pedagogia” dos “depósitos”, “bancária”. Por isto é que o caminho da revolução é o da abertura às massas populares, não o do fechamento a elas. É o da convivência com elas, não o da desconfiança delas. (Freire, 1987, pg. 77)

Observar as artes dentro da educação é observar a maior abertura possível para uma pedagogia emancipadora. A arte é capaz de trazer o que Paulo Freire aponta como uma “pedagogia problematizante” (Freire, 1987). De uma forma muito natural e instintiva, a arte questiona o sistema e propõe indagações a sociedade, despertando sensações e sentimentos no expectador que ao apreciar obras artísticas se depara com o gatilho que leva-o ao questionamento do que está sendo proposto.

A arte por si só é educativa, ela ensina o expectador que vai apreciá-la. Ela é capaz de adentrar inúmeras barreiras por ter várias formas, traços, volumes, jeitos e gestos que rompem locais implacáveis por outras vias. Isso gera o questionamento sobre o porquê dela no ambiente escolar já que ela por si só já educativa? Ferraz fala sobre isso:

A escola, como espaço tempo de ensino e aprendizagem sistemático e intencional, é um dos locais, onde os alunos têm a oportunidade de estabelecer vínculos entre os conhecimentos construídos e os sociais e culturais. Por isso, é também o lugar e o momento em que se pode verificar e estudar os modos de produção e difusão da arte na própria comunidade, região país, ou na sociedade em geral. Deste modo, o aprendizado da arte vai incidir sobre a elaboração de formas de expressão e comunicação artísticas (pelos alunos e por artistas) e o domínio de noções sobre a arte derivativa da cultura universal. (Ferraz, 2018, pg. 21)

Percebemos que a missão da educação dentro do ambiente escolar deve abordar e contemplar todas as linguagens do conhecimento, sendo impossível não pensar a arte dentro de uma esfera educativa, chegando ao patamar de entender que a plateia não será mais educada pela arte por não saber o que é ou o que pode transmitir, mas, que ela terá o acesso à educação artística dentro do âmbito escolar e chegará disposta a entender os significados e mensagem passada pelo artista. Agora, por exemplo, o palco não se torna a sala de aula, mas, sim o lugar apreciativo do expectador que teve acesso a arte.

2.4 – ONDE ESTÁ A ARTE DA DANÇA?

Ela está em todos os lugares, e ao mesmo tempo em lugar nenhum. Ela tem espaços/frestas, mas, ainda não consegue ocupar o espaço. A dança ainda questiona sua sobrevivência dentro da escola por ainda não ser uma disciplina consolidada a mais de vinte anos da implantação do ensino de artes na LDB, como veremos:

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) do Brasil instituiu o ensino obrigatório de Arte em território nacional e, em 1997, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a dança foi incluída oficialmente, pela primeira vez na história do país, como uma das linguagens artísticas a ser ensinada pela disciplina Arte. (Marques, 2012, pg. 4)

Os profissionais de dança ainda questionam sobre vagas para professores de dança em escolas da rede pública ou privada, pois ainda não existe a disciplina de dança no currículo das escolas públicas, e se houver, ela está como atividade complementar no período oposto ao período de aula das crianças, segundo a implantação do Novo Ensino Médio⁴, e, na escola privada, ela está em sua maioria na aula de balé semanalmente.

Dando lugar ao contrassenso existente na vida dos alunos que vivem cercados por dança, seja em grupos culturais de bairros, workshops ou aulas semanais. Todavia, não

⁴ O Novo Ensino Médio é uma alteração na LDB do país para a reformulação e mudança do Ensino Médio que conhecemos hoje.

vemos ainda essa abertura para a dança dentro do ambiente escolar como uma disciplina, a dança ainda está ligada a outras disciplinas, como a Educação Física, por exemplo. Vejamos o que diz Strazzacappa:

Na educação básica, isto é, nas escolas de ensino regular, ela costuma ser vista como conteúdo da Educação Física, fato claramente indicado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da área dessa disciplina. Embora as Diretrizes situem a dança como uma das linguagens do ensino de arte nas escolas, ela é apresentada ora como complemento das aulas de música, sobretudo quando se estudam as manifestações populares, ora como conteúdo da Educação Física, quando aparece nas comemorações cívicas do calendário escolar. Quando a dança finalmente é oferecida no ambiente escolar como uma atividade em si, aparece como disciplina optativa de caráter extracurricular. (Strazzacappa, 2003, pg. 74)

O pensamento da autoria Marcia Strazzacappa dialoga e corrobora com a ideia da autora Isabel Marques, demonstrando o alinhamento do raciocínio e da precariedade existente sobre o lugar do ensino de dança no contexto escolar. A luta pelo pertencimento da dança como uma área específica dentro do ensino discorre desde a criação da LDB e dos PCNs, como enfatiza Marques:

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) do Brasil instituiu o ensino obrigatório de Arte em território nacional e, em 1997, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a dança foi incluída oficialmente, pela primeira vez na história do país, como uma das linguagens artísticas a ser ensinada pela disciplina Arte. (Marques, 2012, pg. 4)

Tais questões que suscitam margens para a discussão sobre a importância da dança como uma matéria/disciplina e para quais são os conhecimentos específicos ligados a área do conhecimento da dança. Levando em consideração que a dança pode estar inserida dentro do conteúdo de Educação Física e Artes qual seria a importância de abrir uma disciplina só para dança? Como mostra Strazzacappa:

Essa situação deixa a sensação de que a dança não se caracteriza como área de conhecimento autônoma, visto que não tem conteúdo próprio. A dança trabalha o corpo e o movimento do indivíduo, mas isso a Educação Física também faz. A dança desenvolve noções rítmicas, mas a música também. A dança amplia as noções espaciais da criança e do adolescente, situando-os no tempo e no espaço e desenvolvendo sua expressão corporal, mas o teatro também. A dança preocupa-se com a educação estética, mas as artes plásticas também. A dança proporciona o desenvolvimento da criatividade e da sensibilidade, mas isso todas as linguagens artísticas proporcionam... Afinal, o que é exclusivo da dança? (Strazzacappa, 2003, pg. 74-75)

Notoriamente a dança tem seus questionamentos de pertencimento dentro do ambiente escolar. Não somente a autora Márcia Strazzacappa fala sobre o assunto, como também a autora Isabel Marques discorre seus pensamentos sobre estes conteúdos. Vejamos:

Persistem no Brasil alguns “desentendimentos” sobre o campo de conhecimento da dança. Por exemplo, na escola, em que disciplina a dança seria ensinada: nas aulas de Arte, ou nas aulas de Educação Física? Será que deveríamos pensar uma disciplina exclusivamente dedicada à dança? Ou ainda, será que deveríamos deixar o ensino de dança à informalidade das ruas, dos trios elétricos, dos programas de auditório, dos terreiros, da sociedade em geral? (Marques, 2012, pg. 4)

São significativos os motivos que fazem a dança não ter um lugar próprio dentro ambiente escolar, vai para além do desejo dos estudantes e da vontade do professor de ministrar aulas práticas. As aulas específicas do conhecimento prático em dança exigem laboratórios equipados e com suas especificações atendidas para a prática do corpo. Isso demanda custos para as escolas que em sua maioria não tem diretores e coordenadores da área artística, que por muitas vezes levam essa demanda como algo não significativo e investem o orçamento em outras atividades.

A necessidade do ensino de dança dentro do ambiente escolar é algo que é urgente dentro do ponto de vista da necessidade da sociedade contemporânea, para diversificados fatores/condições de ampliação de sentidos estéticos, cognitivos e motores dos alunos, como veremos na fala de Marques:

É nesta perspectiva da diversidade e da multiplicidade de propostas e ações que caracterizam o mundo contemporâneo que seria interessante lançarmos um olhar mais crítico sobre a dança na escola. Atentos ao fato de que a escola deve dialogar com a sociedade em transformação, ela é um lugar privilegiado para que o ensino de dança se processe com qualidade, compromisso e responsabilidade. (Marques, 2012, pg. 5)

Para além de apenas fazer/praticar a dança em sua maior potencialidade, é também importante conhecê-la e entendê-la. Enfatizando não somente o fazer, mas, o pensar/questionar/refletir sobre a dança, o movimento e suas diferenciadas estéticas⁵ existentes pelo mundo. Conhecer os aspectos da dança dentro de suas culturas e costumes, assimilar as gestualidades do cotidiano com os movimentos dentro da concepção coreográfica é ir além do somente dançar, como visualizamos em Marques:

⁵ Entendemos estética sob a perspectiva antropológica de agrupamentos identitários que caracterizam os sistemas/movimentos/linguagens artísticos-culturais.

Desde a década de 1980, a partir das propostas de Ana Mae Barbosa, discute-se a necessidade de ampliar o conhecimento em Arte, ou seja, Arte na escola não é mais um sinônimo somente de fazer, mas também de ler e contextualizar trabalhos artísticos. No âmbito da dança, isto significa que não basta dançar o carnaval, o pagode, o axé, as danças urbanas, mas sim conhecer seus processos históricos, coreográficos, estéticos e sociais. (Marques, 2012, pg. 5)

Ainda observando as inúmeras camadas citadas no parágrafo acima, tem-se a falta de ter coisas palpáveis/materiais. Na dança trabalhamos com o corpo e o movimento, em outras áreas da arte, como a pintura, por exemplo, os alunos tem resultados palpáveis dos experimentos e das aulas. Nas aulas de dança isso não acontece, o aluno leva para casa a experiência corpórea aprendida na aula que vai reverberando durante os dias em seu corpo. Pode parecer algo irrelevante, no entanto, os pais gostam de ver o resultado criativo produzidos em aula pelos seus filhos, e como não trabalhamos com a materialidade da arte, sofremos com mais uma cobrança relacionada a falta do que não conseguem ver. Como observa Strazzacappa:

Nas aulas de dança não há algo palpável para se “levar para casa”. O resultado do trabalho técnico de dança é cênico. Apresenta-se na forma de uma coreografia ou de um espetáculo que acontece num dado intervalo de tempo, num espaço específico para esse fim. Pode ser a própria sala de aula, o pátio da escola, o teatro de arena da instituição, ou, em casos extremos, o teatro municipal da cidade. Desta forma, não há o que se “mostrar” aos pais ao final de cada aula de dança. Então, como tornar visível esse aprendizado artístico? (Strazzacappa, 2003, pg. 82)

Assim, chegamos ao ponto de ter a dança apenas em datas comemorativas, para que os pais possam apreciar seus filhos, e observar sua evolução na dança, seja ela na técnica das aulas de balé clássico, ou nas aulas de consciência corporal. Como foi citado acima vai reverberar no dia-a-dia do aluno com uma melhor consciência de postura, de espaço e etc.

3. INTERFACES DO ARTISTA DOCENTE

É difícil entender as diferentes facetas existentes na vida docente e na vida artística que tem âmbitos de trabalho totalmente diferente, voltado às questões distintas e específicas de cada um que podem ter uma linha tênue, mas, que vão para lados completamente distintos. Ao qual a linha tênue exista dentro da sua formação, que é justamente pensada para capacitar o docente apto para trabalhar Artes. No entanto, a licenciatura forma artistas? Sobre esse questionamento Strazzacappa discorre que “(...) seria possível formar o professor de dança sem formar o artista? Não haveria um conhecimento tácito em dança no/do campo como pré-requisito àqueles que se propõem a ser professor de dança?” (2012, pg. 22).

Assim, se divide o artista que é professor, que dedica seu tempo as salas de aula e não totalmente a sua arte. Torna o palco, a galeria, o museu a sua sala de aula e usa dos artifícios da arte a sua principal missão para lecionar arte para indivíduos aos quais possam conviver em sociedade.

Podemos catalogar as interfaces do arte-educador em duas missões, sendo elas: a pedagógica (a vida de professor da educação básica) e a artística (a vida de artista). Sendo dois caminhos distintos, que tem suas peculiaridades, mas, que tem que se cruzar/alinhar e gerar uma concordância na vida, rotina e trabalho. Elementos atribuídos ao conceito de identidade profissional que é um processo evolutivo das experiências vividas dentro do âmbito do trabalho (Marcelo, 2009).

A vida pedagógica demanda o tempo do planejamento de aulas, leituras, proposição de projetos, correção de provas, reuniões, ministrar aulas e etc. Sendo atribuída toda aquela carga que todo docente tem, sem levar em consideração se esse docente exercer um papel de gestão, como coordenação ou direção, sendo atribuídas outras responsabilidades a mais por conta do cargo.

A vida profissional do docente requer muito tempo, atenção, disposição e empenho dele, pois, o trabalho não é somente resumido em ministrar aulas, as demandas vão para além dos muros da escola, exigindo trabalho em casa. Resumidamente, demanda muito tempo do seu dia-a-dia, visto que em uma escola pública o professor não tem somente uma turma, ou uma média de quinze alunos em cada sala. A realidade são várias turmas com no mínimo trinta alunos cada, quando não tem superlotação em salas.

No entanto, diante dessa perspectiva de sobrecarga de trabalho, o arte-educador tem que encontrar caminhos de levar a Arte para a sala de aula, e mais que isso, torna-la interessante ao gosto dos alunos, demandando tempo de pesquisa e meios criativos para o desenvolvimento de tal ação.

Destarte, tal ação se torna menos dificultosa se pensarmos a arte no cotidiano e no entorno do aluno. O dia-a-dia das pessoas é cercado por arte, seja com a música, dança, desenho etc. Assim, visualizamos meios de veiculação existentes dentro e fora da escola para trazer o aluno para aula, tornando o espaço escolar não somente um ambiente de acréscimo de informações sobre geometria ou história da arte, mas, também de diálogo entre os espaços e o entorno que cerca os alunos. Tal pensamento corrobora com o da Porpino:

Pode se constituir um espaço de organização e articulação dos conhecimentos produzidos dentro e fora da escola, assim como dos modos de compartilhá-los. Portanto, compreendemos o currículo como espaço de diálogo e de produção de novas formas de perceber e atuar no mundo em que vivemos, advindas do reconhecimento e da reflexão sobre as formas já consolidadas pelo tempo. (Porpino, 2012, pg. 9)

Entretanto, tal ação não é fácil, já que requer pesquisa e tempo para aprimoramento da proposição. Arte requer tempo, assim, como a criatividade, e na vida docente, tempo hábil é uma raridade por conta da elevada demanda de trabalho. O que o arte-educador faz, pode-se caracterizar como superação do próprio limite, pois além da conta docente, a vida artística cobra o aprimoramento de ensaio, montagens e experimentos.

3.1 – PEGAGOGIAS DA ARTE QUE DANÇA

Imersos em um mundo cheio de vida, pois segundo (Gallahue, D. L.; Ozmun, J. C.; Goodway, 2013) todo movimento é vida, o campo artístico da dança seria o campo com maior concentração de energia vital dentro da arte. Essa afirmação não deslegitima as outras três áreas, apenas enfatiza o quão cheio de energia/sentimento é o movimento expressivo do artista da dança dentro da cena.

E na imersão da interface artista-docente, o profissional da dança ainda passa por percalços sobre a sobrevivência. Passamos por situações distintas de outros profissionais

da área artísticas, pois há a existência de uma certa hierarquia dentro das Artes como um todo, segundo Strazzacappa:

A dança situa-se no terceiro mundo da arte. Enquanto artistas plásticos discutem questões como a adequação de espaços públicos para exposições, nós, profissionais da dança, pertencentes ao terceiro mundo da arte, discutimos questões ligadas a nossa sobrevivência. Poderemos ainda num futuro próximo dançar?! (Strazzacappa, 2003, pg. 74)

O que a mesma traz a afirmação com prontidão, e não ter somente a existência de hierarquia dentro da classe artística perante outras linguagens em relação a Dança, mas, também dentro de outras esferas “A dança sempre esteve numa situação inferior à das demais manifestações artísticas. No universo político, ela fica à mercê das secretarias de artes cênicas do Ministério da Cultura, onde se costuma ler “Teatro”” (Strazzacappa, 2003, pg. 74).

O que torna o cenário ainda mais crítico, já que teoricamente as pessoas que deveriam entender sobre arte e cultura dentro da esfera política, não sabem. E para além disso ainda existe uma discussão dentro da área do conhecimento sobre a legitimação da área enquanto campo de pesquisa e atuação. Entretanto, atualmente as pesquisas em dança estão avançando, na atualidade, existem Programas de Pós-graduação em Dança para qualificação dos profissionais na área, mais um dos meios comprobatórios para legitimar a Dança, corroborando com a perspectiva de “Para além disso, cada área de conhecimento – e a Dança é uma área do conhecimento – também tem suas concepções próprias” (Baldi, 2023, pg. 19).

Continuando na luta da própria sobrevivência dentro da classe artística e dentro do ambiente escolar. Uma vez que, a dança não tem um conteúdo pragmático estabelecido no currículo escolar da educação básica, ela continua como complemento de outras disciplinas a qual tem afinidade, ou entra como uma atividade extracurricular, segundo Strazzacappa:

Na educação básica, isto é, nas escolas de ensino regular, ela costuma ser vista como conteúdo da Educação Física, fato claramente indicado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da área dessa disciplina. Embora as Diretrizes situem a dança como uma das linguagens do ensino de arte nas escolas, ela é apresentada ora como complemento das aulas de música, sobretudo quando se estudam as manifestações populares, ora como conteúdo da Educação Física, quando aparece nas comemorações cívicas do calendário escolar. Quando a dança finalmente é oferecida no ambiente escolar

como uma atividade em si, aparece como disciplina optativa de caráter extracurricular. (Strazzacappa, 2003, pg. 74)

Refletimos sobre a polivalência do ensino de artes trazida pelos PCNs, e notamos a deficiência dentro do ensino básico em relação aos professores de artes, pois, são formados em uma linguagem específica, mas, na prática da sala de aula, têm que dá conta de todo o conteúdo ligado a todas as linguagens da arte.

Sendo, por exemplo, muito difícil para um professor formado em artes visuais ministrar uma aula prática de dança e vice e versa. Assim, notamos o quão deficiente está o ensino básico no Brasil em relação ao ensino de Artes, pois, a polivalência não deveria existir, mas, sim as quatro disciplinas dentro do currículo, onde, assim cada profissional lecionaria a sua demanda específica do conhecimento ao qual tem formação. O ensino básico no país necessita de uma reformulação e da conscientização que Artes é indispensável na formação de pessoas. Corroboramos com Strazzacappa:

Talvez este seja um dos primeiros passos a ser dado. Secretários estaduais e municipais de educação, diretores, supervisores e professores de escola devem se conscientizar de que aula de arte não se resume a atividades de desenho e pintura e de que o ensino de arte é parte integrante da formação do cidadão. (Strazzacappa, 2003, pg. 79)

O que seria de grande impacto, não somente para os arte-educadores que trabalhariam nas especificações da sua área, mas, para os alunos que teriam melhores profissionais nesse âmbito, melhores abordagens metodológicas sobre os assuntos e práticas e, assim, teríamos o reconhecimento neste campo profissional. Assim, dialogamos com a ideia de Strazzacappa:

Urge o reconhecimento do ensino de arte como atividade curricular escolar e a contratação de profissionais especializados. A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDB) é clara ao situar o ensino de arte como componente curricular na educação básica, reconhecendo a importância das quatro linguagens artísticas: artes visuais, dança, teatro e música. (Strazzacappa, 2003, pg. 78)

Vendo o avanço da sociedade brasileira ao longo do tempo visualizamos o papel da escola como uma revolucionária, que após as revoluções históricas, como a Revolução Industrial, o sistema escolar voltou-se, em sua maioria, para os conhecimentos básicos e para a formação de mão de obra qualificada para as suas especificidades, no caso das Artes, o que era ensinado aos estudantes eram os desenhos geométricos para que fossem úteis no dia a dia do trabalho (Martins, 2022). Isso mostra que o principal papel da escola era preparar o indivíduo para o mercado de trabalho. Segundo Libâneo:

A escola pela qual devemos lutar hoje visa o desenvolvimento científico e cultural do povo, preparando as crianças e jovens para a vida, para o trabalho e para a cidadania, por intermédio da educação geral, intelectual e profissional. (Libâneo, 2013, pg. 44)

Entender o papel da escola para a formação da sociedade é algo imprescindível. É a instituição escolar (pública ou privada) a responsável pelo avanço social, intelectual, econômico, cultural e político do país. Pensamos para além de somente ver a escola como uma preparadora para o mercado de trabalho, visualizamos a escola como uma formadora de cidadãos capazes de pensar, criar e refletir seus conceitos bem como suas ideologias em relação a sociedade a qual ele vive. De acordo com Libâneo:

Assegurar o desenvolvimento das capacidades e habilidades intelectuais, sobre a base dos conhecimentos científicos, que formem o pensamento crítico e independente, permitam o domínio de métodos e técnicas de trabalho intelectual, bem como a aplicação prática dos conhecimentos na vida escolar e na prática social. (Libâneo, 2013, pg. 45)

No entanto, indo para o caminho das artes, em especial artes da cena no segmento dança, ainda há dúvidas e questionamentos sobre o que o professor de dança irá fazer/ministrar dentro da sala de aula. É um tabu para muitas pessoas pensar a dança como um agente transformador dentro do ambiente escolar e pensa-la como um artifício de total valia para a compreensão social. Conforme a autora Marques nos fala:

Na verdade, é este o grande papel da escola: integrar o conhecimento do fazer dança, ao pensá-la na vida em sociedade. É imprescindível que nos preocupemos, atualmente, com a formação e a educação continuada de nossos professores nesta área específica do conhecimento, para que as atividades de dança nas escolas não sejam meras repetições das danças encontradas na mídia ou dos repertórios já conhecidos de nossa tradição (as “danças de passo”). (Marques, 2012, pg. 5)

O pensamento da autora leva ao questionamento sobre os modos de ensinar dança e que o método convencional da replicação de passos não seria eficaz dentro do ambiente escolar. Diante dessa situação, pensar a dança na escola seria pensar ela como uma linguagem, e não somente como forma de entretenimento em projetos. Em concordância com Marques:

Para tanto, seria relevante discutirmos a dança no currículo escolar e como vêm se processando essas relações entre currículo, projetos e programas. Entendida como linguagem (e não como um conjunto de passos), a dança tem uma função importantíssima na educação do ser humano comprometido com a realidade, pois possibilita diferentes leituras de mundo. Das manifestações populares à dança contemporânea, a dança

na escola deve ser capaz de possibilitar ao aluno conhecer-se, conhecer os outros e inserir-se no mundo de modo comprometido e crítico. (Marques, 2012, pg. 5-6)

O raciocínio da autora traz a explanação do que a dança tem que ser dentro do ambiente escolar para os alunos. Estabelecer o diálogo dentro da escola com a dança, é um dos caminhos que podem levar o indivíduo a entender e viver a dança na sociedade. A dança é o elo que cerca a vida dos alunos fora da escola, inseri-la no currículo seria uma forma possível de uma conversa entre sociedade e escola. Corroboramos com Porpino:

Pode se constituir um espaço de organização e articulação dos conhecimentos produzidos dentro e fora da escola, assim como dos modos de compartilhá-los. Portanto, compreendemos o currículo como espaço de diálogo e de produção de novas formas de perceber e atuar no mundo em que vivemos, advindas do reconhecimento e da reflexão sobre as formas já consolidadas pelo tempo. (Porpino, 2012, pg. 9)

A reformulação dos currículos é algo que urge com a necessidade atual, no entanto, que seja uma reorganização que beneficie os alunos e não retire deles conhecimentos necessários no futuro. Pensando o momento em que vivemos e a integralização entre a sociedade, virtualidade e áreas do conhecimento, vejamos o que a autora Strazzacappa acrescenta nesta perspectiva:

A dança se coloca literalmente acessível a todos, podendo ser divulgada, vista, salva e copiada em diversos meios como celulares, computadores, tablets. Aprende-se a dançar coreografias dos mais variados estilos e dos mais inusitados pontos do planeta. É o triunfo da educação à distância no mundo da dança! (Strazzacappa, 2012, pg. 29)

Mesmo vivendo em uma sociedade que consome, prática e vive de arte, ela ainda não se encontra bem situada no espaço educacional. Falta compreensão da parte dos formuladores das Leis Educacionais sobre qual é definitivamente o papel da arte na vida do ser humano. Corroboramos com Strazzacappa:

A (difícil) compreensão por parte de professores e gestores sobre o papel da dança na educação de crianças e adolescentes; a inadequação de infraestrutura para aulas de dança na escola formal, a escassez de práticas corporais na infância, na adolescência e na juventude; a virtualidade sobrepondo a realidade; o imediatismo e rapidez sobrepondo a ponderação e contemplação, citando apenas os aqui apontados. Esses desafios só reafirmam que a dança, como conhecimento paulatinamente cunhado no corpo, pelo corpo, para o corpo, que desenvolve a consciência do indivíduo sobre si, sobre os outros e sobre o meio, deve, mais do que nunca, se fazer presente na educação das pessoas. (Strazzacappa, 2012, pg. 30)

Aqui especificamente trataremos da dança. No entanto, a disciplina de Artes como um contexto maior sofre com a rachadura da sobrecarga de informações e com o tempo mínimo de aula por turmas. Sobre isso, legitimamos o pensamento de que “Todas as ocorrências da palavra dança podem ser substituídas pela palavra arte, para entendermos a envergadura, a extensão e o interesse do fazer passar, de atravessar, os processos acadêmicos pelos processos de arte.” (Rocha, 2012, pg. 34)

Assim, visualizamos que, mesmo que a dança seja tratada como a “irmã” mais sofrida dentro das linguagens de Arte, a hierarquia dentro do ambiente escolar faz a Arte ser a “prima” menos favorecida com o menor tempo de aula e com o rigor de não ser tratada como uma área de importância, sendo muitas vezes desfavorecida para disciplinas das áreas de humanas, e principalmente para exatas e letras.

3.2 – RECONHECIMENTO ARTÍSTICO

Em meados do século XXI ainda estamos discutimos o lugar da Arte enquanto ciência, e o artista como uma profissão tão importante como as outras na qual não seja um questionamento a sua importância e relevância na/para as atmosferas sociais, históricas, antropológicas, filosóficas e etc.

Romper o sistema construído que pensa a Arte como um trabalho banal, tirando o viés do conhecimento e construção da subjetividade, criatividade e crítica é um trabalho árduo de desconstrução do que foi instituído por séculos. Hoje somos reverberações do passado ao qual a sociedade construí, mas, após a criação dos cursos de graduação e programa de pós-graduação Artes no Brasil aos poucos o cenário está sendo mudado e reconstruído com a perspectiva de ver a Arte como uma ciência e de valoriza-la enquanto campo de estudo e reconhecer sua importância para a história da humanidade.

O que fica bem delimitado pela sociedade atual é o pensamento reverberado sobre o conceito do que é “belo” e “feio” no olhar do senso comum, que indubitavelmente leva ao lugar do classicismo e na categoria das Belas Artes⁶. Assim, sendo uma das marcas que reverbera no tempo e no achismo do senso comum de denominar o bonito e o feio.

⁶ Referência as colocações da elite hegemônica na área das Artes com o seguimento de separação entre o popular e o clássico, que reverbera ainda hoje no nome de algumas faculdades brasileiras, como, por exemplo a Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (EBA/UFBA), uma das mais antigas do país.

Um campo minado que a estética transita e se faz presente, neste sentido, dialogamos com as perspectivas de Pareyson sobre uma estética que não procura a beleza:

A estética, portanto, não pode pretender estabelecer o que deve ser arte ou o belo, mas, pelo contrário, tem a incumbência de dar conta do significado, da estrutura, da possibilidade e do alcance metafísico dos fenômenos que apresentam na experiência estética. (Pareyson, 1997, pg. 4)

Isso leva-nos a pensar sobre a configuração social a qual a humanidade foi se formulando durante a história, e sobre as classes sociais dominante e trabalhadora. Assim como uma sociedade constrói movimentos, expressões e técnicas, as duas construíram a suas específicas formas do pensar e fazer arte, e isso com o tempo foi classificando na literatura como erudito/clássico ou popular/das massas. Equivalendo ao resultado estético produzido pelas duas classes durante a história.

Teoricamente essa separação não seria um problema ou uma problemática para a sociedade atual, mas, como o todo em relação a tudo da classe dominante a Arte não seria diferente da sua classe em sua supremacia. O teor do significado de Belas Artes dá peso aos resultados artísticos produzidos por essa linhagem, ter uma técnica reconhecida pelos europeus, no Brasil se torna um aspecto de muita valoração, entretanto, temos os artistas populares, que são conhecidos como artesões, que fazem a arte local, que contam sua arte a partir da perspectiva do mundo real que ele vive, sem pensar em técnicas europeias.

Entrando nessa perspectiva sobre a Arte, poderíamos dizer que ela está no fim. A Arte está morrendo para o conceito do belo e do clássico para renascer na contemporaneidade para o novo (Belting, 2012). Tal conceito se aplicaria na perspectiva do hoje, onde usamos a Arte também numa perspectiva de experimentos, laboratórios e teste que sai do modo antigo de se pensar em Arte como algo puramente técnico e fechado em movimentos e períodos. O que caracteriza o conceito da beleza e da busca do belo pela filosofia de Arthur Danto (2015) de ver a Arte como meio de questionamento, e que ela transpassa da função de propor a apreciação e fruição da beleza.

Apesar do avanço da perspectiva entre o que venha a ser Arte, hoje ainda passamos pela problemática de não ter o reconhecimento do artista como uma profissão, em sua maioria, a sociedade alagoana ainda considera o artista um “mero vagabundo e

desocupado”⁷. Ainda somos alvo da negatividade do senso comum sobre termos um trabalho e sobre a seriedade do trabalho.

3.3 – ENALTECIMENTO DOCENTE

É difícil pensar que ainda hoje os profissionais da educação não sejam tão valorizados o quanto merecem, não somente em relação à remuneração, que também é importante, mas também, em relação ao tratamento que eles recebem no vínculo entre aluno e professor e na sobrecarga de trabalho que é acumulada por aluno e multiplicada por turmas.

O trabalho docente vai além das horas dedicadas a sala de aula, que geralmente é visto como somente a única atividade. No entanto, o trabalho de um professor vai para além dos muros da escola, com as horas de planejamento de aulas e materiais didáticos para as turmas, correção de provas, preenchimento de caderneta e etc.

Assim, visualizamos como é o campo da educação intencional (Pinheiro, 2023), requer planejamento, tempo e dedicação. Os professores são mediadores do conhecimento, isso significa que o professor não é o detentor de todo conhecimento do mundo, mas, que ele incentiva através dos seus conhecimentos específicos que os alunos desenvolvam o raciocínio e o grau de emancipação na criação do próprio pensamento, além de serem “(...) doadores de memória com o papel de transferir socialmente às novas gerações um legado cultural sistemático que tanto nos impulsiona no sentido do desenvolvimento humano” (Pinheiro, 2023, pg. 24).

Compreender que o papel do professor é indispensável torna-se urgente, o responsável por cumprir um dos papéis mais importantes dentro de uma sociedade é atualmente alvo fácil de desrespeito, agressões verbais e até física. Embora essa não seja a realidade da maioria, no entanto, não deveria ser a realidade de nenhum. É o professor, o responsável por formar cidadãos para o mundo, por formar profissionais. Sendo um dos maiores transformadores de uma sociedade. Segundo Libâneo:

O trabalho docente constitui o exercício profissional do professor e este é o seu primeiro compromisso com a sociedade. Sua responsabilidade é preparar os alunos para se

⁷ Essa colocação se dá baseada na vivência do próprio artista-pesquisador como um Artista da Cena alagoana, sendo uma nomeação dada através da experiência de quem faz Arte e Cultura atualmente no estado de Alagoas;

tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural e política. É uma atividade fundamentalmente social, porque contribui para a formação cultural e científica do povo, tarefa indispensável para outras conquistas democráticas. (Libâneo, 2013, pg. 48)

Esta fala só afirma o quão importante é o professor e como ele é o agente de maior potência na transformação de uma sociedade, sendo através dele e da educação – em qualquer área do conhecimento – capaz de modificar o cenário social e transformar a realidade social das pessoas.

3.4 - INTEGRATIVA, IMPORTANTE E INDESPENSÁVEL

Atualmente é impossível pensar o ambiente escolar sem o acesso a Artes. Ela faz parte da vida cotidiana de todo indivíduo, está presente na vida do aluno da hora que ele entre no portão da escola, durante o tempo dele na escola e após ele sair dela, ela cerca os muros da escola estando presente nos arredores.

Pensando na prerrogativa acima, como pensar a escola sem Arte? Por que não ensinar Arte? Por que Arte não é importante no currículo? Perguntas como essas carregam consigo a reflexão sobre qual é definitivamente o papel da arte para a humanidade, e o porquê de ela ser tão importante na/para formação das pessoas.

Entender a escola sem Arte é como entender a sociedade sem educação. É reconhecer que a Arte faz parte da vida humana desde os seus primórdios⁸, e que através dela podemos tentar buscar vestígios, pistas e evidências sobre como foi o passado, de como pensava-se no passado e para além dele reconhecer através de características, estéticas e costumes como somos hoje.

Conseguimos identificar através da Arte determinadas populações e culturas pela simples forma de se vestir no cotidiano das pessoas daquele lugar. Então, logo entendemos que a escola sem Arte seria um lugar sem identidade, visto que, a Arte também é uma forma identitária das populações e uma maneira do indivíduo se reconhecer, sendo o vínculo integrativo entre o ser e o mundo ao seu redor.

Os fatores apontados acima tornam obrigatoriamente a Arte um campo importante do conhecimento no ambiente escolar. É neste que o aluno vai desenvolver a competência

segundo a BNCC de “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (Brasil, 2017, pg. 9).

Logo, entendemos que tal campo da ciência, faz-se necessário na vida do ser humano. É impossível pensar sociedades, civilizações e tempos históricos sem Arte. Se voltarmos no tempo, na pré-história já existia arte, não necessariamente conhecida como é hoje, mas, vamos refletir sobre a Pintura Rupestre. Através das pinturas nas cavernas, o humano deixava um tipo de tutorial para os próximos habitantes que ali poderiam chegar, pois éramos nômades. Existia através de pintura uma explicação de como era a localidade ali. Sobre a Arte no começo da humanidade, as autoras Biesdorf e Wandscheer (2011, p. 2) citam que “O ser humano se expressa por meio da arte desde os tempos mais remotos; a expressão artística é a forma que o homem encontra para representar o seu meio social.” Neste sentido, podemos dizer que a Arte é um produto da humanidade, um resultado das suas ações que sofre uma metamorfose de acordo com o tempo. Sendo:

“Portanto, entendendo arte como produto do embate homem/mundo, consideramos que ela é vida. Por meio dela o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece.”
(Bouro *apud* Biesdorf; Wandscheer, 2011, p. 2)

Vamos avançar no tempo e observar as paredes das escolas hoje, a maioria das turmas sempre tem cartazes ou desenhos colados, que também pode servir de tutorial e de revisitação para o aluno visualizar a informação deste ou ser afetado pelo desenho ali exposto.

4. MÉTODO “DIDÁTICOCRIATIVO”

Desenvolver formas/maneiras de como trabalhar a Arte dentro do ambiente educacional é algo que abre margem para imaginar a grandiosidade e comparar com as variadas alternativas possíveis existentes de este fato ser executado dentro da sala de aula.

Entretanto, essa responsabilidade fica a cargo da escolha metodológica do professor. Ele determina qual metodologia será melhor para cada turma, assunto ou prática. Diante disso, traremos o panorama do que é a metodologia? O que é a didática? O que é criativo? E o que é “didáticocriativo”?

A metodologia de ensino é a forma que se dá o ensino e aprendizagem. É o método ou forma usada pelos professores para ensinar os alunos, tendo especificações para cada uma das áreas do conhecimento, conectando com “(...) as metodologias específicas, integrando o campo da Didática, ocupam-se dos conteúdos e métodos próprios de cada matéria na sua relação com fins educacionais” (Libâneo, 2013, pg. 25). Em particular, no ensino de Artes, Ferraz acrescenta:

A metodologia do ensino e aprendizagem de arte refere-se aos encaminhamentos educativos posto em prática nas aulas e cursos de Arte. Em outras palavras, são ações didáticas fundamentais por um conjunto de ideias e teorias sobre educação e arte transformadas em opções e atos concretizadas em planos de ensino e projeto ou no próprio desenvolvimento das aulas. (Ferraz, 2018, pg. 149)

A didática é a ciência do ramo da Pedagogia que estuda as formas, métodos e técnicas que podem ser usadas para ministrar aulas para os alunos. São as diferentes formas que o professor pode usar para aplicar sua metodologia de ensino em sala de aula, logo está relacionada também ao processo de ensino e aprendizagem. Conforme aponta Libâneo:

Ela investiga os fundamentos, condições e modo de realização da instrução e do ensino. A ela cabe converter objetivos sociopolíticos e pedagógicos em objetivos de ensino, selecionar conteúdos e métodos em função desses objetivos, estabelecer os vínculos entre ensino e aprendizagem, tendo em vista o desenvolvimento das capacidades mentais dos alunos. (Libâneo, 2013, pg. 25)

O conhecimento em relação a educação, em específico, ao ensino e aprendizagem, seria a capacidade de formular métodos diferentes do convencional de ensinar aos alunos. Sendo formas que não seguem o meio tradicional do professor escrever no quadro e aluno copiar no caderno e ter como revisar em casa. A criatividade nesse aspecto, vai além do

que é feito tradicionalmente nas escolas brasileiras. Sobre isso “Entende-se criatividade como a conjugação da raridade e da eficácia, quer seja na resolução de um problema ou na expressão de uma mensagem num dado momento sociocultural” (Miranda; Moraes, 2020, pg. 62).

Entender esse modelo sociocultural citado pelas autoras é refletir sobre os métodos de ensino e aprendizagem que são usados dentro das escolas do país. São importantes todas as fases do ensino básico pois elas proporcionam aspectos constitutivos da formação humana e social do indivíduo, mas, traremos na pesquisa o recorte para os anos finais do Ensino Fundamental, que proporciona grandes mudanças na rotina dos estudantes pré-adolescentes, deixando de ter apenas uma professora, passando a ter vários professores que são capacitados em áreas específicas do conhecimento para ensiná-los as bases e competências para o ensino médio (Brasil, 2017).

4.1 – QUEM SÃO?

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram selecionados professores da Secretária de Educação de Alagoas (SEDUC/AL) que ministram aulas no município de Maceió nos anos finais do Ensino Fundamental. Foram eles: Prof. Esp. Kleper Reis, Prof. Ms. Maciel Ferreira, Profa. Esp. Salete Oliveira e Profa. Ms. Joelma Ferreira.

O Prof. Esp. Kleper Reis é licenciado em Artes Visuais e Bacharel em Teatro e dar aulas de Artes as turmas do 9º ano na Escola Estadual Professor Pedro Teixeira, no bairro do Feitosa em Maceió, a pesquisa cruza seus caminhos dentro do curso de Dança da UFAL quando ela vai fazer o seu estágio docente do seu mestrado em Artes Cênicas na Universidade Federal de São João del-Rei (PPGAC/UFSJ). Em suas aulas além dos conteúdos passados, aborda uma metodologia que o aluno assume responsabilidades com suas escolhas, o Professor Kleper Reis transita entre a Pedagogia Nova⁹ e a Pedagogia

⁹ Pedagogia Nova é ligada ao movimento conhecido como Escolanovista que enfatiza a liberdade e abre possibilidades da autonomia de estudos onde o professor estabelece bases para o aprendizado e supervisiona os estudantes na aquisição do conhecimento, o professor traça caminhos para levar o estudante a buscar, havendo uma valorização do processo e da investigação (Baldi, 2023).

Freinet¹⁰, entre esse traslado colocaremos ele como praticante de uma Pedagogia das Possibilidades¹¹.

O Prof. Ms. Maciel Ferreira é licenciado em Dança e dar aulas de Artes as turmas do 8º e 9º ano na Escola Estadual Sebastião da Hora, localizada no bairro da Pitanguinha em Maceió, a pesquisa chega ao professor Maciel de uma forma muito próxima por ele ter sido egresso do curso de Dança da UFAL e por ter feito uma monitoria na disciplina de Antropologia da Dança durante o seu tempo no curso do mestrado em Antropologia Social no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFAL). As suas aulas giram em torno do conteúdo que tem que ser ministrado, entretanto, as abordagens aplicadas são com o cunho colaborativo que levam o professor a ter uma Pedagogia Colaborativa¹².

A Profa. Esp. Salete Oliveira é licenciada em Teatro e dar aulas de Artes a todas as turmas do Ensino Fundamental II na Escola Estadual João Paulo II, no bairro da Chã da Jaqueira, em Maceió. A professora Salete vira objeto de pesquisa durante as observações do componente curricular de Estágio Supervisionado 4 da Licenciatura em Dança da UFAL. Em sua prática pedagógica, verifica-se o uso de um método didático tradicional, mas, tem suas particularidades com o uso dos projetos desenvolvido na escola. As suas abordagens sobre assuntos que não estão no currículo de Artes, a faz ser uma professora que trabalha conteúdos extras, além do que exige a matriz curricular, adotando assim, a Pedagogia das Insurgências¹³.

A Profa. Ms. Joelma Ferreira é licenciada em Dança e mestra em Cultura Popular pelo Programa de Pós-graduação em Cultura Popular (PPGCULT) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e dá aulas de Artes as turmas do 7º na Escola Estadual Aurelina Campelo, no bairro do Vergel, em Maceió. Por ser uma figura conhecida na cena

¹⁰ Pedagogia Freinet, também conhecida como Pedagogia do Bom Senso ou da Afetividade tem como objetivo fazer com que o(a) estudante seja autônomo(a) e independente, criador e participativo. Por isso, ela é construída como base na experimentação e na documentação (Baldi, 2023, pg. 36).

¹¹ Pedagogia das Possibilidades seria o meio termo entre a Pedagogia Nova e a Pedagogia Freinet, onde ela ver o estudante como um sujeito da vida real que toma decisões e faz escolhas, ao qual se põem em prática questões coletivas e o trabalho no desenvolvimento da autonomia.

¹² Pedagogia Colaborativa é uma forma metodológica que leva o estudante a se questionar, refletir e construir opiniões suas de acordo com suas perspectivas. O professor trilha caminhos que levem o estudante a criarem seus raciocínios e conceitos através da colaboração entre o que eles acreditam e o que é exposto em aula.

¹³ Pedagogia das Insurgências é a pedagogia que lida com a realidade o dia-a-dia do ensino e da vivência em sala de aula. É a pedagogia que lida com as dificuldades do ensino e que busca forma e meios para que haja aprendizagem mesmo que não haja condições mínimas dadas para que o estudante consiga construir o conhecimento.

alagoana, e também ser uma egressa do curso de Dança, os caminhos da pesquisa cruzaram as práticas docentes de Joelma, tornando-a um dos objetos de pesquisas. As suas aulas apresentam um cunho mais crítico, no entanto, sua abordagem sobre os assuntos em geral, subverte a ideia das Ciências Humana Eurocêntricas serem o maior pilar epistêmico, atribuída a uma valorização norte-eurocêntrica (Baldi, 2023; Santos, 2021), sendo uma professora que adota uma prática ligada as Pedagogias Decoloniais¹⁴.

4.2 – O CONHECIMENTO

Ambos os professores provem de uma mente criativa e aguçada para o seu campo de atuação, no entanto, como são formados em linguagens de Artes específicas, o seu repertório de conhecimento maior é voltado para sua área de formação. Mas, com esses percalços da polivalência na atuação do arte-educador, os quatros docentes tem o conhecimento para elaboração de didáticas criativas para aplicar os conteúdos de Artes na aula.

Destacaremos aqui a atuação em sala, com as aulas sobre consciência corporal do Professor Kleper Reis, na turma do 9º ano; as de Arte e Territorialidade da Professora Joelma Ferreira, nas turmas de 7º ano; as de Encenação da Professora Salete Oliveira, nas turmas de 6º anos; e as do que é belo e feio do Professor Maciel Ferreira, nas turmas de 8º ano.

Tabela 1: organograma dos objetos de pesquisa

PROFESSOR	TURMA	ESCOLA	ÁREA BNCC	METODOLOGIA
Salete Oliveira	6º ano	Escola Estadual João Paulo II	Teatro	Pedagogia das Insurgências
Joelma Ferreira	7º ano	Escola Estadual Aurelina Palmeira de Melo	Artes Interdisciplinar	Pedagogia Decolonial
Maciel Ferreira	8º ano	Escola Estadual Professor	Artes Visuais	Pedagogia Colaborativa

¹⁴ Pedagogias Decoloniais é uma pedagogia que tensiona e questiona o colonial estabelecido formas outras de pensar e se posicionar, em um enfretamento critico contra toda forma de exclusão advinda do pensamento europeu (Baldi *apud* Mota Neto, 2023)

		Sebastião da Hora		
Kleper Reis	9º ano	Escola Estadual Professor Pedro Teixeira	Dança	Pedagogia das Possibilidades

Fonte: acervo pessoal

Embora seja formado em Teatro, o professor Kleper Reis tem experiências no campo das danças e traz as aulas de consciência corporal voltada para a dança. Ele trabalha de uma forma lúdica e mais simples os temas de eixo, peso, tempo e espaço¹⁵. Podemos ver na Figura 3 um exercício proposto pelo professor Kleper para a prática da temática espacial em grupo onde todos os estudantes envolvidos em roda em um exercício de concentração e respiração conseguem ver o espaço que eles ocupam e o como isso é modificado quando se considera o grupo como um todo em relação ao ambiente que se tem.

FIGURA 2: Estudantes do Professor Kleper Reis em exercício conjunto de respiração e percepção do espaço



Fonte: Acervo pessoal

¹⁵ Temáticas de uma abordagem de estudos Labanianos que traz o uso do movimento no corpo. As abordagens de eixo estariam ligadas ao equilíbrio e a postura, o peso a força da gravidade e aos pêndulos, o tempo com as questões de aceleração e desaceleração e o espaço com o lugar que se ocupa e a zona que se alcança.

Suas aulas com o 9º ano não são voltadas para desenvolvimento de uma estética de dança específica, mas, para o desenvolver da consciência do corpo e de como isso pode ser uma potência para o corpo que faz. Ele traz exercícios ligados a percepção da força do abdômen, o uso dos apoios e até exercícios mais elaborados voltado a técnica circense¹⁶.

Figura 3: Professor Kleper Reis ministrando aula prática



Fonte: Acervo pessoal

¹⁶ Técnica circense é a modalidade artística advinda do circo que envolve uma alta performance corporal com a prática de saltos, acrobacias e variados movimentos que desafiem o limite do corpo.

A prática metodológica do professor Kleper Reis é conceituada como uma Pedagogia das Possibilidades pelo jeito de levar e conduzir a aula do começo ao fim, ligado a uma afetividade com o respeito e a ética da conduta profissional, o professor dá o poder da escolha aos estudantes, assim, destacamos a forma pedagogia que visa a construção do conhecimento através da atribuição de possibilidades dadas onde o professor não é o centro, mas, o mediador das escolhas e das possibilidades para a construção do saber com os estudantes. Sobre isso, dialogamos com a Pedagogia das Possibilidades com os pensamentos de Porpino:

Nesta, a aprendizagem não parte de qualquer entendimento sobre o aprender, mas trata-se de um aprender significativo, que articula, cria e recria sentidos nas diversas relações semânticas da existência. A educação, portanto, é essencialmente a busca do sentido compartilhado e tecido em conjunto pelos homens, que pode ser percebido e criado por cada homem individualmente, mas ao mesmo traz consigo a cultura onde emerge. (Porpino, 2006, pg. 98)

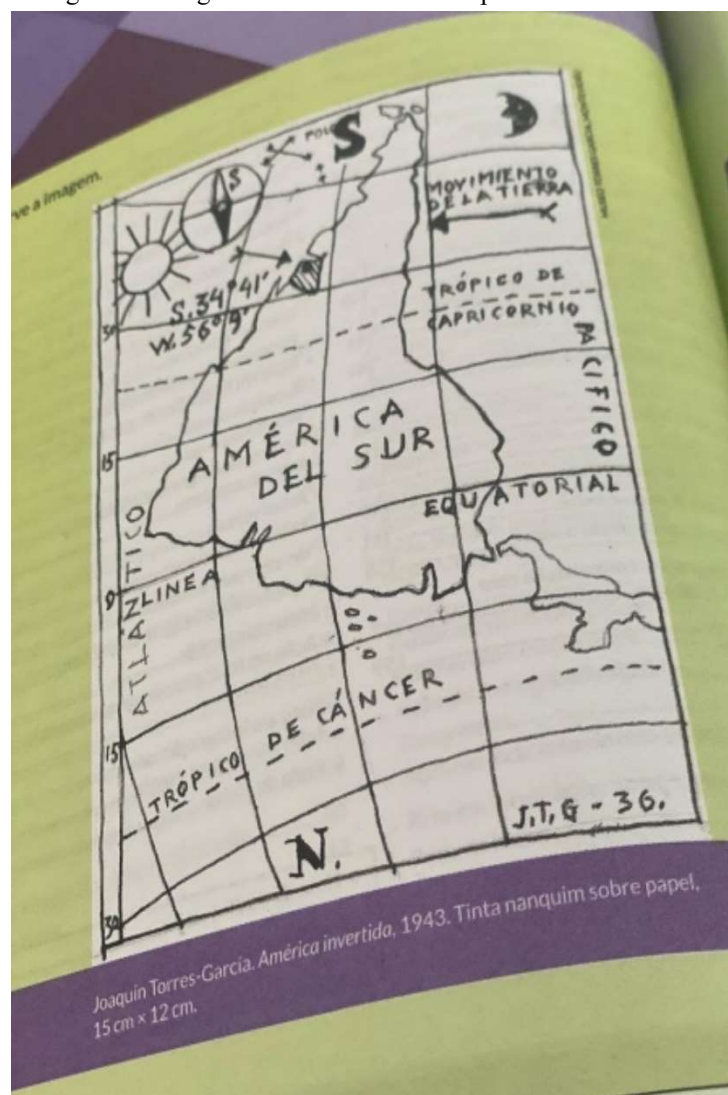
Ao começar a aula o professor expõe três tipos diferentes de aula, onde os estudantes tem que escolher em coletivo qual eles querem para o dia. Sua prática exercita a realidade da vida em sociedade, onde se tem que fazer escolhas e assumir riscos das suas escolhas, é desenvolvido também um senso democrático através do uso da votação para decisão do tipo de aula que a turma vai querer, decidindo na maioria das vezes pela metade teórica e a prática.

A prática da professora Joelma Ferreira nas turmas do 7º ano nas aulas observadas são ligadas a área das Artes Visuais. Suas atividades foram desenvolvidas nas temáticas envolvendo a Arte e Território e do pertencimento dos povos indígenas e a ligação com território, questões da sua própria cosmovisão (Krenak, 2022). Podemos visualizar na figura 4, uma demonstração do conteúdo que o livro didático dado pelo governo do estado traz como referência. Notamos uma obra artística ligada ao contexto da construção de uma crítica ao que se diz respeito a valorização do que vem do Norte, uma supremacia do pensamento estabelecido ao que vem do eixo norte-eurocêntrico como algo de maior valorização e maior relevância (Santos, 2023). Visualizamos notoriamente isso com a obra de arte indicando o mapa da América do Sul ao inverso, subvertendo a imagem e o papel para pensar o sul como uma potência da produção do conhecimento (Canclini, 1998; Santos, 2009).

Usando o assunto da apostila disponibilizada pelo Governo do Estado de Alagoas, que traz o tema da Arte e Território, a sua aula segue a logística da apresentação do

conteúdo para que os estudantes conheçam o assunto, seguindo de uma exposição projetada de obras de arte de pessoas indígenas além das que já tem nos livros didáticos dado pela rede estadual. Mas, para além do que se faz de exposição do assunto, a professora leva atividades que desenvolvem a criatividade dos estudantes.

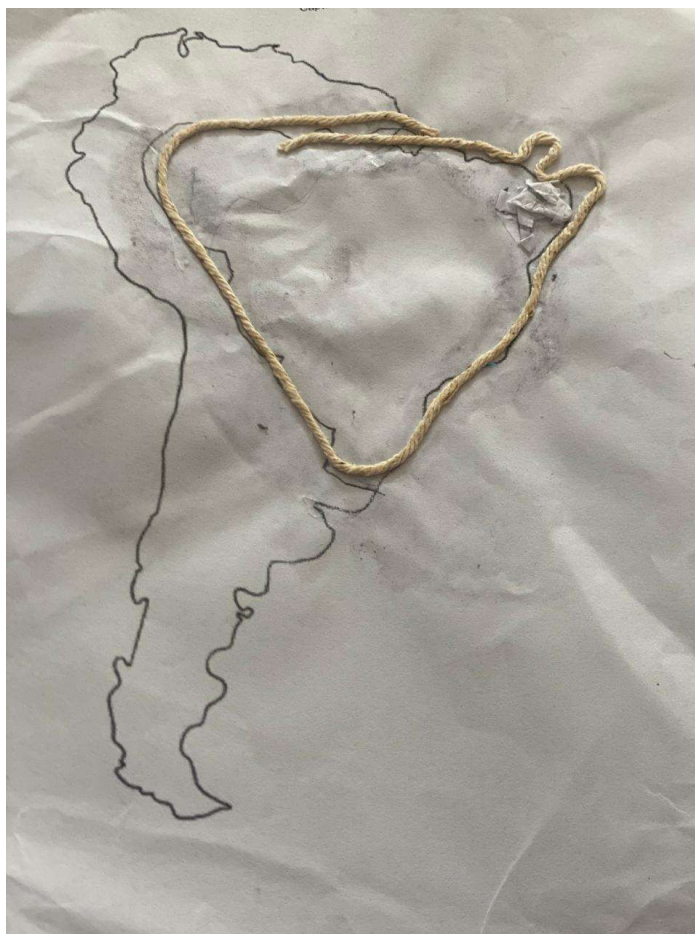
Figura 4: Fotografia do livro didático da professora Joelma



Fonte: Acervo pessoal

Suas atividades são desenvolvidas na manutenção da criatividade dos estudantes através da temática da aula. Nesse caso, a observação se deu com uma aula referente a Arte e Território que foi conectada ao assunto da aula passada sobre Arte Indígena. A professora Joelma trouxe como atividade criativa um mapa da delimitação da América do Sul e pediu para os estudantes fazerem com barbante a delimitação do território brasileiro dentro do mapa. Ação didática da professora para que os estudantes consigam fixar assuntos referentes ao território geográfico com o uso de Artes.

Figura 5: Obra de arte do estudante da professora Joelma Ferreira



Fonte: acervo pessoal

Com a ligação entre os assuntos, os estudantes desenvolveram atividades recorrentes a delimitação do território e a Arte Indígena como uma forma artística pertencente ao Brasil, conectando com a prática ligada a Pedagogia Decolonial que visa transgredir ações ligadas a colônia portuguesa, pois ela usa práticas ligadas aos povos indígenas e aos povos afro-diaspórico como forma de subverter a colonização, o que se coloca como caráter criativo o uso da Arte como um agente na construção do conhecimento interdisciplinar com a feitura de atividades ligadas a temáticas que atravessam as barreiras das áreas do conhecimento.

Com essa prática, a professora Joelma além de incentivar os estudantes a usarem a sua criatividade para a construção da atividade, ela está adentrando a temáticas concernentes a território e mapas, um assunto ligado a disciplina de Geografia, dando um traço de contribuição interdisciplinar entre as disciplinas e as áreas do conhecimento.

As práticas da professora Salete Oliveira com as turmas do 6º ano são voltadas ao Teatro, usando a encenação. Suas aulas desenvolvidas por temáticas livres e abertas além

do que é ofertado nos materiais didáticos dado pelo Governo do Estado de Alagoas. A professora trilha outros caminhos além do que já é estabelecido. Ela trabalha com um currículo aberto as insurgências, por isso, classificamos sua prática pedagógica como Pedagogia das Insurgências. Entrando em confluência com a ideia da pedagoga Paraíso sobre currículo que “(...) É a abertura de corpos e pensamentos nossos, de todas nós professoras e profissionais da educação, que podem criar possíveis nos currículos e nas escolas. E, nisso, as protagonistas somos NÓS!” (2023, pg. 145).

A professora Salete usa de datas comemorativas para se aprofundar em assuntos que os livros didáticos não citam. Temáticas ligadas ao Dia Internacional da Mulher, Dia do Artesanato, Dia do Circo e ao feriado cristão da Páscoa são abordados pelas turmas ao longo do ano, sendo desenvolvida pelo 6º ano durante o tempo da observação as temáticas sobre o Dia Internacional da Mulher e ao feriado da Páscoa.

A professora pediu a cada 6º ano uma encenação, os 6º anos “A” e “C” escolheram uma temática que envolvesse a mulher como foco central e o 6º ano “B” optou pela Paixão de Cristo. Um traço diferente entre as turmas foi notado, pois além da temática que foi escolhida, a forma de fazer a peça teatral também houve diferenciação de acordo com a temática abordada. Enquanto os 6º anos que escolheram a mulher como foco central da história pesquisaram e construíram o roteiro do zero, o 6º ano que decidiu pela *Paixão de Cristo* fez uma encenação narrada, sem falas, somente movimentos e gestos narrados pela professora que ajudou na adaptação do roteiro original da peça teatral para construir a narrativa com os estudantes.

A professora ajudou a turma do 6º ano “B” na adaptação da *Paixão de Cristo*, um clássico trabalhado e encenado por milênios pelas comunidades cristãs. Embora, o Estado seja laico, muitas práticas ligadas a educação cristã ainda são vistas dentro da escola. Mas, diferente de outras práticas, a professora leva tal ação para aguçar o fazer artístico nos estudantes com o uso do Teatro, uma das principais linguagens de Artes usadas na construção da educação do Brasil, Martins cita que:

(...) O teatro como atividade educacional foi monopólio dos jesuítas até a segunda metade do século XVII, como forma de catequese e imposição do padrão linguístico português. As encenações ocorriam nas aldeias e nos colégios, com objetivo moral, onde os cenários variavam entre a sala grande dos colégios, a praça pública e as aldeias, sempre em um ambiente português e cristão, constituindo-se em um eficiente veículo de aculturação. (Martins, 2022, pg. 24-25)

Ela trabalha a adaptação do texto com a construção da narrativa e as questões da presença cênica no corpo que se quer fazer-dizer aquilo que é narrado (Setenta, 2008). A professora ajuda na separação dos personagens, dá dicas sobre movimentação que remeta ao que vai ser narrado.

Figura 6: Professora Salete Oliveira ministrando aula



Fonte: acervo pessoal

Com as turmas dos 6º anos “A” e “C” ela ajuda na construção do roteiro e do texto que vai ser apresentado. A construção é do zero, inspirada em vídeos baseados em fatos de mulheres que sofreram violência doméstica, assim, a turma trabalha não somente na

encenação do fato, mas também de como essa narrativa pode servir para alertar as meninas sobre casos de relacionamento abusivo e violência doméstica e de como elas podem agir. O teatro serve com conscientização para as jovens que podem se deparar com tal realidade no futuro, como podemos visualizar o estudante atuando na figura 7 representando um homem algemado após ser denunciado por agressão contra sua esposa.

Figura 7: Estudante da professora Salete Oliveira encenando no pátio da escola



Fonte: Acervo pessoal

Sua ligação com sua área de formação faz um desenvolvimento de capacidades de comunicação e criatividade nos estudantes que apresentam não somente para suas turmas, mas para toda a escola. Eles criam, recriam, ensaiam e se dispõem a apresentar as peças e encenações construídas dentro das salas de aula.

Sua forma metodológica ligada ao que chamaremos aqui de Pedagogia das Insurgências está ligada às dificuldades do ensino público, mas, que nas brechas do sistema que há vários problemas, é uma forma pedagógica ligada ao sentido literal do que

é sublevar-se. Ela não deixa de fazer mesmo que exista todo um sistema que não dê suporte, o que se faz poética no caos que educa mesmo com todas as dificuldades.

A prática do professor Maciel Ferreira se fez nas turmas 8º anos com o desenvolvimento de uma temática ligada ao belo e o feio. Embora seja uma área ligada a Estética e a Filosofia, as Artes são um dos elementos principais de estudos desse campo que busca compreender o que é a beleza.

Figura 8: Professor Maciel Ferreira em sala de aula



Fontes: Acervo pessoal

Com a abordagem voltada a área temática das Artes Visuais, o assunto sobre o belo e o feio foi construído através de perguntas e questionamento para os estudantes. Tais questionamentos eram respondidos com a maior neutralidade possível em prol da construção do próprio conceito de cada estudante. O professor Maciel embora tenha sua opinião formada sobre o que acha belo, em um primeiro momento não expôs sua resposta para não influenciar na resposta destes.

Sua posição sobre o que era a beleza na aula era sempre voltada a dizer que cada um tem o belo de uma forma, e que, portanto, cada um tinha um ideal de beleza diferente.

Diante de tal problemática, ele solicitou aos estudantes uma atividade, e a atividade consistia em os estudantes desenharem o que eles achavam belo.

Figura 9: Obra de arte da estudante Maria Yasmin, estudante do professor Maciel Ferreira



Fonte: Acervo pessoal

Visualizamos a obra de arte da estudante com o olhar voltado a ideia de uma obra-definição (Eco, 2015) levando em consideração a simplicidade dos objetos representados no desenho, vislumbramos que a estudante vê a beleza em coisas simples. A poética do belo está contida nas mínimas coisas que cercam o seu cotidiano e fica explícita no seu fazer artístico através de uma atividade solicitada pelo professor, assim, entendemos os conceitos do atrelamento do abuso de uma beleza que está em objetos que não seriam tidos como obras de artes, mas, que aqui vislumbramos como laboratórios artísticos para o acréscimo do despertar do conceito sobre o que é a beleza (Danto, 2015).

O professor usa do anulamento da sua própria opinião para que os estudantes formulem a sua e a entreguem em forma de obra artística, uma metodologia “didáticocriativa” que incentiva a criatividade do estudante que vai criar seus ideais sobre o que é a beleza e traduzi-la em forma de desenho.

Com sua prática voltada a Pedagogia Colaborativa, após os estudantes trazerem a atividade, ele faz a exposição do seu conceito de beleza e questiona ele dentro da sala. Levando tensionamentos e problematização¹⁷ sobre o conceito do belo que o campo tradicional da Estética traz sobre a valorização da técnica e do ideal das Artes Clássicas. Construindo uma conexão em conjunta e colaborativa sobre o conceito a ser trabalho, em trânsito entre o que os estudantes tem e colocam como beleza e o que ele expõe para na aula para a construção colaborativa do conceito de belo e feio.

4.3 – LUGARES SENSÍVEIS

Embora por variadas vezes a Arte seja colocada em um lugar mais ligado a ludicidade e ao conforto de boas temáticas, ela também tem sua interface do viés crítico e politico de ir em lugares e locais sensíveis a sociedade e ao sistema. O uso da Arte tem múltiplos sentidos e direções que possibilitam inúmeras abordagens, inclusive as abordagens mais sensíveis ao lado grotesco da humanidade.

Atravessamentos de temáticas ligadas a violências e até discriminação religiosas estão presentes nas salas de aulas de Artes, embora, na maioria das vezes seja para colocar questões e temáticas como essa em ponto de tensão e discussão para o conhecimento e crescimento humano. Assuntos ligados a violência como: LGBTfobia, feminicídio, *bullying*, racismo e xenofobia são vistos nos assuntos trabalhados pelos professores.

De certa maneira, professores como o professor Kleper Reis, Maciel Ferreria, Salete Oliveira e Joelma Ferreira sobrevivem ao grande sistema de educação e do cansaço. Mas, ainda que sejam profissionais com uma demanda muito alta, todos eles não toleram qualquer violência ou discriminação dentro da sala de aula. Todos eles mostram

¹⁷ Conceito referente a uma Pedagogia Crítica, denotada por o desenvolvimento do tensionamento e questionamento dos assuntos caracterizados pelos pensamentos do filósofo Paulo Freire.

dentro de suas respectivas temáticas e prática pedagógica o apego pelo respeito e a diversidade. Eles trazem exemplos dentro dos temas das aulas para discutir tais violências com o humano e como o afeto, o cuidado, a empatia e o respeito com o próximo podem ser um agente de mudança na maioria das situações.

No entanto, como professores, eles trazem assuntos e abordagens mais ligadas as críticas sobre a decorrência de casos dentro e fora da escola. Eles usam a sala de aula e a disciplina de Artes como um agente formador de uma sociedade que eles acreditam e que eles defendem usando da liberdade metodológica que o professor tem para aplicação dos temas e de alguns conteúdos. O que é assegurado a eles pelo Referencial Curricular de Alagoas (RECAL) que diz:

Portanto, o currículo escolar deve incluir na abordagem dos conteúdos escolares as discussões sobre questões de gênero, étnico-raciais e religiosas, multiculturalismo, entre outras. É necessário que a discussão das diferenças faça parte do contexto escolar, compreendida a partir de suas dimensões históricas e sociais e das relações que se estabelecem entre os diferentes sujeitos de uma sociedade. As múltiplas relações sociais no Brasil diferenciam homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais, negros, índios e brancos, restringindo os direitos e as oportunidades entre os sujeitos em função da discriminação e do preconceito (Alagoas, 2019, pg. 40)

Diante disso, conseguimos visualizar que tais práticas são asseguradas por normativas e são necessárias dentro do ambiente escolar, observando o quão poético é usar a Arte como objeto de ensino e de conscientização, formando não somente estudantes dos anos finais do fundamental que entendam aspectos ligados a técnica da Arte dentro de competências e habilidades, mas, que pensem a Arte com um lugar de se ver e interpretar o mundo ao seu redor para além da apreciação.

Visualizamos aqui, que os professores fazem não somente exposição de temáticas lúdicas, que também é necessária tanto quanto outras abordagens, mas, que também usam da Arte como um viés de ensinamento para problemáticas da sociedade atual e como pode-se combater tais práticas violentas e como podemos aprender mais sobre isso. Sendo um fruto da sua “didáticacriativa” que é nutrida pelos seus conhecimentos e aprimoramento da práxis docente ao longo do tempo, os professores usam da sala de aula e das temáticas, as Artes para prospectar e construir conhecimento ao tipo de sociedade que eles imaginam ser melhores para o futuro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todas as problemáticas que o sistema da educação básica da rede pública estadual enfrenta, encontramos professores dedicados a ensinarem, propagarem e construir o saber em Artes com seus estudantes. As inúmeras camadas que cercam a rede estadual de ensino, por mais que sejam agentes que desmotivem os professores pesquisados aqui não se entregam ao sistema.

Visualizar as reverberações de seus ensinamentos e as inúmeras possibilidades metodológicas e “didaticocriativas” do fazer docente em Artes, é algo enriquecedor, e nesse fazer, mesmo com as problemáticas que envolvem a formação específica no campo de atuação polivalente, eles buscam brechas, fendas e rupturas para a construção de urdidura das suas práticas artísticas-pedagógica-metodológica.

O que é totalmente um caminho contrário à formação docente, já que na faculdade temos as formações de professores em linguagens específicas, assim, gerando o conflito com a atuação efetiva mercado de trabalho onde atuamos em um campo polivalente que não somos preparados para tal dentro da nossa formação.

Ver a construção de um conhecimento em Artes é algo que urge a visibilidade e a valorização do campo artístico como uma área do conhecimento tão importante quanto matemática ou português. As linguagens de Artes são caminhos possíveis e necessário para a construção do ser que busca através das linguagens artísticas a construção de um percurso para a criatividade, a subjetividade e o apreciativo.

Assim, corroboramos com as práticas e pedagogias usadas pelos professores dessa pesquisa, que usam a Arte e as suas formas metodológicas para construir conhecimento, com a busca de formas que agucem várias interfaces ligada ao desenvolvimento do ser humano a partir do conhecimento em Artes, bem como com a ideia de que cada fazer artístico, assim como cada fazer pedagógico segue seus princípios, metodologias e linhas de raciocínio, e que cada professor de Artes em seu exercício contribui para a criação de uma sociedade melhor com suas aulas e com o desenvolver das temáticas ao qual usam como referências.

A referida pesquisa sobre os métodos “didaticocriativos” não acaba, tendo em vista que a cada novo professor de Artes que ela encontrar pelos caminhos da vida, ela pode se deparar com um novo mundo de possibilidades epistemológicas para construção

de material de partilhas que colabore no compartilhamento de ideias e formas criativas de ensino e aprendizagem.

Que sejam mais recorrentes práticas educativas nas disciplinas de Artes que usem a arte como um meio de falar sobre assuntos sensíveis. Que sejam mais visibilizadas e reconhecidas ações como: as do Professor Kleper Reis com o questionamento do machismo dentro da obra *O Voto Feminino*, que além de ensinar a leitura teatral, incentivasse o hábito da leitura e da interpretação textual; que mais professores, assim, como a Professora Joelma apresentem a estética indígena dentro das temáticas das aulas e mostrem aos estudantes os povos originários do Brasil questionando sobre qual a Arte que nos representa atualmente; que práticas como a de incentivo a encenação sejam forma de conscientização sobre relações abusivas e o machismo estrutural ao qual as mulheres são submetidas e as alunas da professora Salete trazem nas suas peças, além da autoconscientização das estudantes enquanto artistas.

Concluimos esse trabalho com o pensamento de que ele não finda, mas que ela cumpriu seu objetivo de catalogar Pedagogias em Artes dentro da Rede Estadual de Ensino de Alagoas que ficará disponível para outros professores poderem acessar e usar das metodologias aqui catalogadas. AS ARTES EXISTEM, A EDUCAÇÃO RESISTE, A ARTE-EDUCAÇÃO LIBERTA!

6. REFERÊNCIAS

- ALAGOAS. **Referencial Curricular de Alagoas para o Ensino Fundamental**. Maceió: SEDUC-AL e UNDIME/AL, 2019.
- BALDI, Neila. **Pedagogias da Dança**. 1ª edição. Ed. UFSM. Santa Maria, RS. 2023;
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014;
- _____. **Arte-educação no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2012;
- BARROS, Ângelo. Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais: uma breve revisão. **Anais do XXVI Congresso da Confederação de Arte-Educadores do Brasil** – CONFAEB, UFRR. Boa Vista: 2016;
- BELTING, Hans. **O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois**. Rodney Nascimento (Trad.). São Paulo: Cosac Naify, 2012;
- BENITE, Rita de Cássia Ribeiro. A desvalorização do ensino de arte no Brasil: origens e alguns aspectos. In: **Revista Trilhas de História**, v. 10, n. 20, pp. 35-50. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul: Três Lagoas, 2021;
- BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito da História**. Edição crítica. SP: Alameda, 2020;
- BIESDORF, Rosane Kloh; WANDSCHEER, Marli Ferreira. Arte uma necessidade humana: função social e educativa. **Intinerarius Reflections**, v. 2, n. 11, p. 1-11. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG, Jataí: 2011;
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC / SEF, 1998;
- _____. Ministério da Educação e Cultura. Secretária de Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SE, 2017;
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998;
- CAVALCANTE, Yara de Almeida. **Aperfeiçoamento Permanente de Professores: a continuidade descontinua**. 1. ed. Maceió: EDUFAL, 2007;
- DANTO, Arthur. **O abuso da beleza: a estética e o conceito de arte**. Trad. Pedro Süsskind. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015;
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. In: **Revista Pós**, v. 2, n. 4, pp. 204-219. Belo Horizonte: 2012;
- DUARTE JÚNIOR, João Franscisco. **Por que arte-educação?**. 22ª edição. – Campinas, SP: Papirus. 2012;
- ECO, Umberto. **Obra aberta: formas e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. Trad. Giovanni Cutolo, et. al. 10ª ed. São Paulo: Perspectivas, 2015;
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Metodologias do Ensino da Arte: fundamentos e proposições**. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2018;

FIGUEIREDO, Valeria Chaves de. As manifestações populares da dança e a escola. Manifestações populares e a educação: entre o dito e o não dito. In: **Salto Para o Futuro**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 22-29, 2012;

FRAVEET-SAAD, Jeanne. “Ser afetado”. In: **Cadernos de Campo**, Trad. Paula Siqueira, v. 13, n° 13, pp. 155-16. São Paulo: USP, 2005;

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª edição. São Paulo: Paz e Terra. 1996;

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987;

FREITAS, Helena C. L. Certificação docente e formação do educador: regulação e desprofissionalização. In: **Educação Sociedade**, vol. 24, n. 85, p. 1095-1124, Campinas: 2003;

GALLAHUE, D.L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 7ª ed. São Paulo: Phorte Editora, 2013;

GOMBRICH, Ernst Hans. **História da Arte**. Álvaro Cabral (Trad.) Rio de Janeiro: LTC, 2019;

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. Rio de Janeiro: Companhia de Letras, 2022;

LABAN, Rudolf. **O domínio do movimento**. 5ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1978;

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2013;

MARCELO, Carlos. A identidade docente: constantes e desafios. In: **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente**, (Trad.) Cristina Antunes, v. 1, n.1, p. 109-131. Belo Horizonte: MG, 2009;

MARQUES, Isabel. Introdução. In: **Salto Para o Futuro**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 4-8, 2012;

MARTINS, Margarida Helena Camurça. **BNCC, cadê a Arte?**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2022;

MIRANDA, Lúcia C.; MORAES, Maria de Fátima. Práticas Criativas em Sala de Aula e a Criatividade dos Docentes: Estudo Exploratório no Ensino Básico. In: **REICE: Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**. Madrid: v. 19, n. 3, 61-76, 2020;

PARAÍSO, Marlucy A. A BNCC em questão. In: PARAÍSO, Marlucy A. **Currículos: teorias e políticas**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2023;

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1989;

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como Ser Um Educador Antirracista**. 1ª ed. Planeta do Brasil. São Paulo: 2023;

PORPINO, Karenine. **Dança é Educação: interfaces entre corporeidade e estética**. 1ª ed. Natal: EDUFRN, 2006;

_____. Dança e Currículo. **Salto Para o Futuro**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 9-15, 2012;

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Editora Ática, 1991;

ROCHA, Thereza. Por uma docência artista com dança contemporânea. In: GONÇALVES, Thaís; et. al. **Docência-artista do artista-docente: seminário dança teatro educação**. 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012;

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do conhecimento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza. MENESSES, Maria de Paula. **Epistemologias do Sul**. Edições Almeida: Coimbra, 2009;

SANTOS, Inaicyra Falcão dos. **Corpo e ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação**. 5ª ed. Curitiba: CRV, 2021;

STRAZZACAPPA, Márcia. A Formação do Professor de Dança. In: GONÇALVES, Thaís; et. al. **Docência-artista do artista-docente: seminário dança teatro educação**. 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012;

_____. Dança na Educação: discutindo questões básicas e polêmicas. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 6, p. 73–86, 2006.

7. ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS,
COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE
IMAGEM

Eu, Maria Salete Oliveira de Souza,
portador do número de
CPF 280 169 554-87, declaro
que autorizo o uso da minha imagem na referida pesquisa
de Trabalho de Conclusão de Curso do discente **Jeronimo
do Nascimento Silva**, portador do número de matrícula
20112055, do curso de Licenciatura em Dança da
Universidade Federal de Alagoas.

Maceió – AL, 11 de outubro de 2024

Maria Salete Oliveira de Souza
Assinatura

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM

Eu, Kleper Gomes Reis, portador do número 03867823936, declaro que autorizo o uso da minha imagem na referida pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso do discente **Jeronimo do Nascimento Silva**, portador do número de matrícula **20112055**, do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas.

Maceió – AL, 11 de outubro de 2024

 Documento assinado digitalmente
KLEPER GOMES REIS
Data: 16/10/2024 09:54:58-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM

Eu, Joelma Ferreira da Silva, portador do número de CPF 077.434.694-92, declaro que autorizo o uso da minha imagem na referida pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso do discente **Jeronimo do Nascimento Silva**, portador do número de matrícula **20112055**, do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas.

Maceió – AL, 11 de outubro de 2024



Assinatura

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E
ARTES CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM

Eu, **Maciel Ferreira de Lima**, portador do número de CPF: **091.559834-56**, declaro que autorizo o uso da minha imagem na referida pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso do discente **Jeronimo do Nascimento Silva**, portador do número de matrícula **20112055**, do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas.

Maceió – AL, 11 de outubro de 2024



Documento assinado digitalmente
MACIEL FERREIRA DE LIMA
Data: 13/12/2024 20:02:04-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura